



IGREJA MINISTERIAL

Desafios e Oportunidades

IGREJA MINISTERIAL
Desafios e Oportunidades

Bispos da Igreja Metodista

1991
Imprensa Metodista

IGREJA MINISTERIAL - DESAFIOS E OPORTUNIDADES

Secretário Executivo Editorial: *Clovis Pinto de Castro*

Editoração: *Paulo Pena Schütz*

Coordenação de Arte: *Juciene Carrapeiro*

Digitação e Programação: *Maria Zélia Firmino de Sá*

Revisão: *Cristina Paixão Lopes*

Ilustração da Capa: *César Romero Vieira do Amaral*

1991

Imprensa Metodista

Av. Senador Vergueiro, 1301

09750 São Bernardo do Campo - SP

Telefone: (011) 452-1777

SUMÁRIO

Apresentação.....	5
Introdução.....	7
1. A Igreja Ministerial	15
2. Motivos bíblicos da dinâmica dos dons e ministérios.....	25
A. A ilustração do Filho de Deus.....	25
B. A imagem do Servo de Deus.	27
C. A figura do Pastor.	31
3. Serviço, dons, carismas e ministérios: ferramentas da missão divina.	35
4. Fruto do Espírito Santo: implicações nas relações interpessoais	43
5. Serviços, dons, carismas e ministérios: princípios orientadores	49
a. Devem ter uma característica inteiramente autóctone.....	51
b. Devem ser naturalmente missionários.	51
c. Devem ser catalisadores e multiplicadores da ação missionária da comunidade iclesial.....	52
d. Devem ser exercidos em dimensões globalizantes.....	53
e. Devem ser desenvolvidos em um ambiente de devido respeito ao outro, na liberdade dos dons do Espírito.....	53
f. Devem ser desenvolvidos em um clima de oração efetiva.....	54
Conclusão.....	57
Bibliografia.....	59

APRESENTAÇÃO

Acabamos de entrar na última década do século. A celeridade das transformações que se processam no mundo anuncia muitas surpresas para esta quadra. Pois, se o ritmo veloz destes últimos anos repetir-se nesta década, sem qualquer sombra de dúvida, entraremos no novo século envolvidos em visíveis, concretas e radicais transformações na vida social, política, econômica e religiosa. Esta perspectiva é assustadora, levando-nos às seguintes interrogações: que tipo de Igreja ou que forma de comunidade eclesial estamos desenvolvendo para fazer face a estas mutações que se anunciam? Daremos continuidade a esta forma de Igreja institucional que arreda para as margens a Igreja, comunidade povo de Deus, em missão? Insistiremos na divisão de classes eclesiais, onde há docentes que mandam e que ensinam e discentes passivos e acomodados, apenas assistindo a passagem da banda? E, ainda mais, seguiremos nesta mesma linha de Igreja centralizada, voltada para si mesma, prezando, narcisamente, sua forma denominacional e falando demais para si mesma e de menos, para a comunidade ao redor e para o mundo?

Diante destas mutações que se anunciam para o fim do século e destas interrogações que poderiam ser multiplicadas, o Colégio Episcopal apresenta às igrejas, pastores(as), leigos(as) as linhas seguintes destas considerações. O Colégio Episcopal, sensível ao sopro do Espírito Santo, preocupa-se em preparar a Igreja Metodista, a fim de que ela possa, em sua peregrinação profética e missionária, fazer face à tentação de parar. Pois, a Igreja que estaciona segue desmemoriada de sua missão e, por isso mesmo, perde de vista sua razão de ser. A Igreja, em sua realidade total, só existe mesmo no ato da missão. Pode parecer fácil e até mesmo inútil fazer uma pausa para considerar o momento da Igreja, refletindo sobre sua caminhada e assinalando seus riscos e oportunidades, acertos e equívocos. Todavia, a realidade é bem outra, pois somente um reconhecimento preciso e crítico dará condições para chegar a um diagnóstico da situação de crise em que vive. Esta crise é irreversível, mas anuncia condições novas e estranhas que precisam ser adaptadas ao nosso novo estilo de vida, pois, do contrário, nos incomodam.

O Espírito Santo, através de seu sopro purificador, está revelando o caminho para superar o momento de incertezas e vencer os novos

desafios. A revelação está diante de todos: *DONS E MINISTÉRIOS CONFIGURADOS DENTRO DE UMA IGREJA MINISTERIAL*. O estabelecimento desta nova dinâmica dos dons e ministérios, estabelecendo uma Igreja ministerial, é um moroso processo de aprendizagem. Contudo, este desenvolvimento paulatino abre espaços para um processo de crescimento maduro e à prática consciente de uma espiritualidade comprometida. O Colégio Episcopal aguarda que estas considerações sejam úteis para toda comunidade metodista brasileira. Elas apresentam um grande desafio para as nossas igrejas, pastores(as), leigos(as), devendo ser aproveitadas para estudos e reflexões, junto ao grupo das nossas congregações locais. *Igreja Ministerial: Desafios e Oportunidades*, como um tema atual, está em suas mãos. É mais uma contribuição do Colégio Episcopal, no sentido de municiar a Igreja Metodista, despertando-a para a realidade do momento atual e, assim, realizar a missão divina de um modo mais afetivo.

Bispo Adriel de Souza Maia
Presidente do Colégio Episcopal

INTRODUÇÃO

Israel em constante renovação

Uma pesquisa histórico-sociológica do povo de Deus, no Antigo Testamento, embora feita pelas ramas, deixa bem claro que aquele povo palmilhou diversas e variadas etapas, em sua longa caminhada histórica. Um comentário mais longo sobre o assunto está fora dos limites destas linhas. Na bibliografia indicam-se obras que fornecem, aos interessados, subsídios mais detalhados. Entretanto, aqui, à guisa de informação, faz-se uma ligeira referência, lembrando aquelas fases, com algumas explicações resumidas sobre as mesmas. O povo de Israel, em seu vaivém, passou por diversas etapas, tais como: dos patriarcas, do deserto, da caminhada das tribos, da vida nacional, da comunidade religiosa, depois, do exílio e da diáspora. Uma análise destes estágios mostra que, em cada um deles, desenvolveu-se uma realização diferente, dentro da mesma dimensão fundamental. Isto quer dizer que aquele povo, crendo no mesmo Deus, percorreu, sucessivamente, realidades idênticas, mas em níveis diferentes, pois, dentro de um plano fundamental, caminhou em degraus desiguais.

Percebe-se ainda que, em cada uma daquelas etapas, desenvolveu-se um período de formação, de amadurecimento ou destruição, porém, cada fase deixava um saldo: o povo tornava-se mais paciente, mais particular ou específico, mais puro, mais idêntico com a sua vocação e mais livre de elementos alheios. Este vaivém das tribos do povo de Israel não foi um planejamento que partiu dele mesmo. E, por isso, levantaram-se formas de resistência a todas as transformações que surgiram. Houve perseguição aos líderes e profetas que anunciavam renovações e mudanças, pois o povo não enxergava outras realidades, além daquelas que eles tinham em mente. Ocorreu, na verdade, uma espécie de imposição divina, se assim pode-se dizer, sugerindo que abandonassem o passado e se desprendessem de todas as peias que lhes impediam as transformações e mudanças em sua caminhada.

A transformação radical do cristianismo

Com o evento do cristianismo, a mensagem do Evangelho promoveu uma total transformação histórica, dando novo sentido às diversas etapas da jornada do povo de Deus. Pois, antes de Jesus Cristo, a Palavra de Deus era uma constante na vida daquele povo, referindo-se a ele mesmo. Agora, porém, no Novo Testamento, o processo desenvolveu-se em condições diferentes, porque a Palavra de Deus já não era simplesmente comunicada aos mesmos ouvintes; cada novo estágio coincidia com uma espécie de saída para ir ao encontro do mundo, estabelecer novas igrejas e novos grupos cristãos, entre os não crentes, em uma dimensão de verdadeira e autêntica renovação espiritual. Ainda mais, cada nova fase representava uma nova etapa da missão e a sucessão dos estágios afetava o que promove o essencial da nova situação, isto é, a missão e a efusão do Espírito Santo.

O texto de Atos dos Apóstolos mostra como o Espírito Santo agia, abrindo espaços para a Igreja nascente em sua ação profética e missionária. Uma leitura atenta do texto coloca-nos a par de um grande contraste, entre Atos 1.8 e 8.1. No primeiro texto, encontra-se a orientação do rumo expansionista programado pelo próprio Jesus Cristo: “Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo e sereis minhas testemunhas, tanto em Jerusalém, como em toda Judéia e Samaria, e até aos confins da terra.” (At 1.8). Porém, no segundo texto, está clara a transição de uma nova fase para outra: “Naquele dia levantou-se uma grande perseguição contra a Igreja em Jerusalém; e, todos, exceto os apóstolos, foram dispersos pelas regiões da Judéia e Samaria.”

Será oportuno perceber que os sete primeiros capítulos de Atos referem-se, especialmente, à Igreja de Jerusalém. Eles focalizam aspectos iniciais de uma Igreja que nasceu no Pentecostes. Atos 8.1 dá início a uma nova unidade que vai até 13.1, onde o realce é A DISPERSÃO DA IGREJA. Entende-se bem que a Igreja que foi constituída em Jerusalém foi dispersa: “e todos, exceto os apóstolos, foram dispersos”. Sem dúvida alguma, a Igreja saiu de si mesma. Dizem que a águia, a certa altura da criação de seus filhotes, desmancha seu ninho. Procede desta forma quando eles estão prontos para aprender a voar, a fim de que não fiquem apegados ao ninho, pois, se assim o fizerem, nunca aprenderão a voar. A Igreja de Jerusalém foi sacudida pela perseguição, motivando uma grande dispersão. Aquela era uma Igreja estática, mas, com a

perseguição, inicia-se uma nova fase da missão. A águia começou a desfazer o seu ninho.

A dispersão seguiu por diversos caminhos, em missão: Filipe desceu, indo para Samaria anunciar o Evangelho (At 8.4-8); depois, o mesmo Filipe dirigiu-se para Gaza, no mesmo propósito (At 8.26-40); no caminho de Damasco, Ananias vai ao encontro de Paulo (At 9.10-19); mais adiante, no caminho de Lida, Pedro realiza prodígios na ressurreição de Dorcas (At 9.36-43) e, logo depois, Barnabé realiza sua estupenda viagem missionária, buscando encontrar-se com Paulo, com quem trabalhou algum tempo, em Antioquia (At 11.22-26).

Mais adiante, ainda no capítulo 13, inicia-se uma nova fase, com a primeira viagem missionária de Paulo e Barnabé. Os primeiros versos do capítulo 13 são típicos de uma separação missionária, sob os auspícios do Espírito Santo. Poder-se-ia ir um pouco mais longe nestas considerações, contudo, estas são suficientes para mostrar a dinâmica da Igreja, em diversos níveis, saindo de si mesma em busca da missão.

O tradicionalismo das Igrejas de hoje

Dando uma olhadela no panorama da comunidade eclesial, hoje, conclui-se que as Igrejas rigidamente tradicionais são, por sua própria natureza, débeis e fracas em sua missão e em suas forças de renovação espiritual. Para superar o impasse desta incapacidade e debilidade, ganhar novo alento e entusiasmar-se, a fim de movimentar-se e renovar-se, será necessário desenvolver uma nova compreensão de Jesus Cristo e seu ministério dinâmico voltado para o povo; será preciso abrir-se para uma nova e real efusão do Espírito Santo.

É perfeitamente compreensível que a missão não se desenvolva em sentido de extensão progressiva e de acordo com o núcleo inicial. A cristandade, em sua jornada histórica, caminha, cresce, avança e se desenvolve, chegando, porém, um momento em que a própria Igreja mostra-se incapaz de superar e vencer as fronteiras de sua caminhada. Esta incapacidade não significa ausência de recursos, como, muitas vezes, alega-se. Mas esta inabilidade da Igreja resulta de sua permanência no passado, atada e amarrada ao conservadorismo. Desta sorte, não consegue libertar-se do peso de sua estrutura estática. E, assim, tolhida pelo jugo de sua organização, não encontra espaços disponíveis para entrar em estreito contato com os homens e mulheres que escapam para fora dos limites de sua ação.

Nestas condições, somente uma autêntica abertura de espaços mais amplos, ao sopro do Espírito Santo, poderá restaurar suas forças e capacidades, a fim de vencer as barreiras e caminhar ao encontro da missão. Sem dúvida, o Espírito Santo continua velando, diuturnamente, sobre sua Igreja, pois ela é seu habitat natural. Mas a manifestação do seu poder e de sua graça só se farão sentir, de um modo imediato, quando encontrar espaços humanos sensíveis e abertos ao sopro de sua ação. Esta provocará um dinamismo direcionado para além das fronteiras da comunidade eclesial, criando boas condições para nova espiritualidade.

A partir desta nova espiritualidade, novos grupos vão se organizando e novas igrejas vão surgindo. A missão ganha novas dimensões em função destes novos grupos e, ao mesmo tempo, como a ação do fermento levedando toda massa, processa-se a transformação e renovação total da comunidade eclesial. Esta é uma lição muito preciosa que a Igreja, hoje, precisa aprender, à vista das realidades dos eventos atuais. Ela atinge o ápice de seu estatismo, onde tudo parece estar emperrado em sua missão; a estática, a indiferença e o comodismo tornam-se características comuns do seu estilo de vida; seu crescimento é parco, fazendo-se na mesma dimensão biológica do povo de Israel e, assim mesmo, em sentido bem restrito, porque os seus próprios filhos não têm sido alcançados, de um modo geral; movimentos de despertar são articulados, mas, na maioria das vezes, caem no vazio, justamente porque não existem condições para superar as estruturas além dos níveis já atingidos.

Porém, a situação poderá mudar, quando desenvolver uma nova compreensão de Jesus Cristo e seu ministério orientado para o povo e abrir espaços a uma nova efusão do Espírito Santo; quando sair de si mesma, sacudindo os adereços de sua estrutura, derrubando as grades do templo que agrilhoam os agentes da missão; conscientizar-se de que lá fora, nos becos e vielas, nas praças e na periferia, no burburinho urbano ou na frescura da zona rural, está a tarefa, o serviço e a missão. Os novos grupos que vão sendo criados além das fronteiras da comunidade eclesial iniciam sua caminhada em termos de um Evangelho mais lídimo e mais simples. Eles, outrossim, desvencilham-se do complexo amontoado que a comunidade eclesial acumulou no decorrer do tempo, partindo para uma vivência evangélica mais autêntica.

O Espírito Santo num mundo de mudanças rápidas

Viveu-se, sempre, em termos de transição e mudança. Contudo, as transformações, hoje, são mais rápidas, envolvendo o mundo inteiro. As rápidas mudanças de hoje anunciam as mutações que deverão ser feitas na forma de comunicação da mensagem cristã. Estas novas realidades que surgem englobam as comunidades urbanas e rurais e envolvem os diversos níveis da indústria e da tecnologia. O Espírito Santo continua soprando sobre sua Igreja, coordenando sua orientação, diante dos novos tempos que vão chegando. A mensagem e o testemunho cristão não podem ficar restritos aos limites do templo. Será preciso sair, pois o desafio de Jesus Cristo, cujo ministério foi junto ao povo, aponta-nos a direção: “Ide por todo mundo e pregai o Evangelho a toda criatura”, “vós sois testemunhas destas coisas”, “(...) e sereis minhas testemunhas tanto em JERUSALÉM como em toda JUDÉIA e SAMARIA, e até os confins da TERRA” (Mc 16.5; Lc 24.28; At 1.3).

De um modo geral, imagina-se uma Igreja monolítica intocável, empacotada e pronta, sem retoques e mudanças, em sua maneira de agir e promover a missão. Olvida-se, entretanto, que a Igreja é o novo Israel de Deus, em sua caminhada histórica. Na histórica jornada espiritual daquele povo estão as raízes filosóficas e teológicas da Igreja cristã. A assembléia do Antigo Testamento é a mesma assembléia do Novo Testamento. De outro lado, existe, no Antigo Testamento, a vocação de um povo escolhido e de uma nação santa. Esta mesma idéia persiste no Novo Testamento, agora, porém, nação santa e escolhida, não mais fundada em ritos exteriores ou qualidades raciais, e sim alicerçada em Jesus Cristo, salvador de todos os homens e mulheres, e na atitude espiritual de todos eles (Fl 3.3; Rm 4.16). Debitadas as diferenças de espaço, tempo e condições, pode-se afirmar que a Igreja, hoje, renova, como corpo de Jesus Cristo, a caminhada do povo de Deus, no cumprimento da missão.

A maneira de ser da Igreja é a mesma ao longo do tempo, definido-se como o corpo de Jesus Cristo e tabernáculo do Espírito Santo. Esta sua maneira de ser, na verdade, é intocável e é o seu essencial e fundamental, pois, ela é divina, cristocêntrica e pneumática. Contudo, sua maneira de agir, por isso mesmo, promove e desenvolve a missão do Reino de Deus, em mutações, diante da realidade em que vive. Seu objetivo é continuar, sob os auspícios do Espírito Santo, a proclamação do Evangelho, atualizando, ostensivamente, o ministério de Jesus Cristo,

levando em conta as realidades atuais que exigem, sempre, respostas positivas e coerentes para os problemas vigentes.

Na verdade, a Igreja não tem respostas prontas e acabadas. Mas ela, também, como vanguarda de Deus no mundo, não deve continuar respondendo no vazio, isto é, dando respostas a perguntas que não são feitas mais por quem quer que seja. Pensar na Igreja é pensar em mutações e movimento, isto porque ela, como todos os cristãos, está em um mundo que caminha, cada dia, em uma velocidade incrível e do qual não poderá abstrair-se. Não se pode entender e compreender uma Igreja, como comunidade de fé, à parte de um mundo em permanente transformação, onde tal fé deverá ser vivida, refletida e proclamada. Entende-se, perfeitamente, que a vida cristã está ligada ao movimento.

A bem da verdade, dizer “eu creio” não corresponde a um glossário de proposições e verdades básicas. Porém, “eu creio” está atado a uma história que, sem dúvida, refere-se à história de uma aliança. A quadra em que se vive, hoje, diz respeito a um momento daquela história e daquela aliança. Muitos de nós desejamos que a Igreja seja semelhante a um museu arqueológico, onde se guardam as raridades do passado. Mas, a Igreja não é um templo das musas e nem tampouco um antiquário. Ela é semelhante a uma antiga fonte cristalina de uma cidade, que abasteceu com suas águas as gerações do passado e continua dessedentando as gerações do presente. Chegou o momento de colocar um ponto final em uma Igreja fora da onda. Já é tempo de as igrejas locais colocarem uma pá de cal nos velhos e surrados padrões de trabalho, nos mesmos conjuntos e estruturas, e assistirem à morte das antiquadas e mofadas formas de vida eclesial, cantarem réquiem aos antigos e soleníssimos sistemas teológicos e aguardarem a ressurreição de uma Igreja voltada para o mundo e suas mais urgentes necessidades.

A brisa do Espírito Santo está movendo e ele não cessa de fazê-lo, pois somente este zéfiro divino dar-lhe-á as condições necessárias, a fim de sentir-se, à semelhança de Jesus Cristo, a força do alto para um autêntico desempenho ministerial, hoje. Jesus Cristo assim o sentiu: “O Espírito do Senhor está sobre mim (...)” (Lc 4.16-19).

O caminho da Igreja Metodista

A Igreja Metodista, como ramo da Igreja cristã universal, mesmo dentro de uma caminhada histórica de todas as instituições eclesiais,

batalha e busca ser fiel ao cumprimento de sua missão. Nesta luta, seus espaços ao hálito do Espírito Santo vão se alargando. Ele, em sua ação, poder e graça, vem quebrantando indisposições, libertando e despertando seus membros para uma nova caminhada mais vibrante e entusiasta, na jornada da missão. A monção do Espírito Santo vem sacudindo os laços de sua estrutura tradicional, comum a uma Igreja centrada no clericalismo. Desta sorte, ela vai-se libertando em direção a uma Igreja ministerial, onde tudo se move à mercê dos dons, carismas e ministérios distribuídos pelo Espírito Santo (1Co 12.1-11; Ef 4.7-8).

Assim, a Igreja Metodista, pela graça de Deus, assume, ostensivamente, a dinâmica dos dons e ministérios, ensaiando seus primeiros passos numa jornada de uma Igreja ministerial. Esta é a forma ideal de comunidade para o momento, onde se desenvolve o ministério total da Igreja e todas as capacidades voltam-se para o serviço do Reino de Deus. O desenvolvimento de uma Igreja ministerial não significa uma exclusão do(a) pastor(a), pois ele(a) é parte natural do corpo de Jesus Cristo e é, também, um dom dado pelo Espírito divino, para o serviço da missão na comunidade local (Ef 4.11-12). Cada congregação local carece de uma orientação segura em termos de coordenação. Esta poderá muito bem ser desenvolvida pelo(a) pastor(a) e porque não dizer que a coordenação do povo de Deus é um dom indispensável na caminhada missionária e profética da Igreja.

A nova caminhada da Igreja Metodista, em termos de uma Igreja ministerial, passa, penosamente, pelo estreito. Mas é no estreito que se alcança o sublime e o elevado. Esta nova jornada da Igreja Metodista depende de muito amor, oração, jejum, renúncia, humildade e fé, pois levantam-se muitos espantalhos diante deste novo roteiro de ação. Mas o Espírito Santo está velando sobre ela. Inspirado pelo Espírito divino, diante do grande desafio missionário entre os gentios, o apóstolo Paulo dirige-se aos irmãos em Éfeso, em termos de oração, sugerindo-lhes humildade, mansidão, longanimidade, capacidade de suportar uns aos outros, em amor, esforço e diligência, a fim de preservar o vínculo da paz (Ef 4.1-6).

Em face da nova proposta de trabalho da Igreja Metodista, alguns irmãos(ãs) arrepiam carreira, com receio de algumas conseqüências da abertura ao sopro do Espírito Santo. Outros, saudosistas, possivelmente olhando para o passado, cruzam seus braços, temerosos de descer à arena de luta na missão, em condições ministeriais, onde a entrega é total. Contudo, o Espírito Divino, em sua tarefa santificadora, continua in-

sistindo com eles, insuflando-lhes sua graça e poder e, inclusive, sugerindo-lhes um quebrantamento pessoal. Outros, porém, pela graça de Deus, entusiasmados com o novo dia que está raiando na vida da Igreja Metodista, buscam mais intensamente a plenitude do Espírito Santo e abrem mais espaços em sua vida cristã para uma espiritualidade conscientemente comprometida com a realidade da missão hoje. Estes certificam-se de que somente o Espírito Santo poderá santificar, dinamizar e capacitar todo povo de Deus para o desempenho da missão, na comunidade de fé.

Sem dúvida, a libertação dos carismas, capacidade e ministérios dados pela ação e graça do Espírito Santo, mesmo que sejam os dons mais simples, fará brotar, na vida de cada fiel, um sério compromisso para o exercício da missão, edificação da comunidade eclesial, bem como sua edificação dentro do mundo. Nesta caminhada, todos os óbices serão desbaratados e os corações serão quebrantados pela manifestação da graça do Espírito, pois a obra é dele e, assim, as muralhas hão de cair.

A Igreja Metodista assumiu, de um modo ostensivo, a caminhada dos dons e ministérios, que são uma característica básica de uma Igreja ministerial. Não se quer sugerir com esta afirmação que antes ela não levasse em conta os dons espirituais. Em sua dinâmica de ação, dons e ministérios foram sempre uma realidade. E não poderia ser diferente, já que dons e ministérios constituem uma verdade bíblica inquestionável. Imaginou-se, entretanto, uma dinâmica de dons e ministérios através de cargos, funções e ofícios, o que, na verdade, só muito raramente poderá acontecer. Agora, porém, em sua nova trajetória ministerial, cargos, funções e ofícios são uma questão secundária, porque o fundamento de sua dinâmica ministerial é o serviço prestado, através dos dons, carismas e ministérios. Estes, enquanto instrumentos de trabalho ministerial, encontram francos espaços para sua ação profética e missionária, envolvendo todo povo de Deus na organização de uma IGREJA MINISTERIAL. Esta é, sem dúvida, a forma eclesial credenciada para o nosso tempo.

A IGREJA MINISTERIAL

Sem descer a pormenores de conteúdo histórico, pois estes detalhes desviariam do assunto aqui proposto, afirma-se que a Igreja Metodista, em sua dinâmica histórica, desenvolveu, até aqui, um nível de Igreja clerical. Sem dúvida, nesta experiência clerical, nossa Igreja cumpriu sua missão, houve crescimento expansionista e, de qualquer modo, ela apresenta uma folha de serviços prestados ao Reino de Deus. Tudo que se tem hoje, em nossa Igreja, é trabalho de uma comunidade clerical. Contudo, conclui-se que a missão foi cumprida, mas de um modo pálido. Nossa Igreja é mais que centenária em nossa Pátria. Entretanto, nossa gente e nosso povo, de um modo geral, continua expoliado, as injustiças continuam sendo uma realidade gritante, os ricos ficam cada vez mais ricos e os pobres, por sua vez, ficam cada vez mais miseráveis, numa penúria que não tem medida; as condições da vida brasileira estão criando subhomens e submulheres, pois as condições nutritivas são as mais precárias possíveis e o sistema de saúde está falido.

À vista deste quadro brasileiro, cuja imagem no exterior está manchada pelo descrédito, pergunta-se: mas, afinal, que tem feito nossa Igreja Metodista, no que tange ao preparo cristão wesleyano? “Reformar a nação e, de um modo especial, a Igreja e espalhar a santidade bíblica sobre a terra”. É verdade, em pouco mais de cem anos, nossa Igreja Metodista cresceu, expandiu, adquiriu imóveis e construiu templos e congregações. Porém isto não basta.

As limitações da Igreja clerical

A comunidade clerical, com toda gratidão que lhe devemos, não conseguiu transformar as relações entre as pessoas, a fim de que a santidade da vida pudesse tornar-se realidade entre nós. A comunidade clerical, por

sua própria natureza, criou e alimentou o comodismo, o individualismo e o indiferentismo do laicato, pois o clérigo era o homem chave da congregação, tendo todas as rédeas paroquiais em suas mãos.

Os leigos comportavam-se como ouvintes passivos e assistentes apáticos, assistindo ao espetáculo, enquanto a missão mesma ficou um tanto marginalizada.

E, pior ainda, em todos estes anos de trabalho no Brasil, a Igreja Metodista não conseguiu levar a comunidade metodista a um nível satisfatório de identificação cultural, especialmente no que tange à identificação de sua mensagem com as condições de nossa gente marginalizada pelas desesperanças. Há, possivelmente, outros motivos co-responsáveis por este estado de coisas, mas, sem dúvida, a comunidade clerical tem, nesta situação, uma porcentagem maior. Em face desta pálida ação missionária e pouca identificação, a Igreja Metodista, como povo de Deus em missão, tem uma dívida para com o povo brasileiro, pois, sem qualquer sombra de dúvida, os propósitos que Deus tem para a nossa Igreja Metodista em terras brasileiras ainda estão para ser cumpridos.

A persistência em manter uma comunidade clerical significa continuar na mesma linha, à margem de uma dinâmica missionária mais agressiva, mais plena. Pois aquela forma eclesial levanta óbices diante de uma real preocupação integral com a pessoa humana hoje, a quem o Evangelho se dirige. Se a Igreja Metodista deseja superar equívocos e saldar sua dívida com o povo brasileiro, deverá, à mercê da graça do Espírito Santo, abrir-se ao desenvolvimento de uma comunidade ministerial. Esta abertura para uma congregação de todos, onde todo o povo de Deus pode ministrar e servir, é iminente e o momento é o mais oportuno possível para esta transição. A dinâmica da comunidade ministerial motivará a todos os fiéis, na caminhada do processo de maturidade e de uma espiritualidade comprometida com a missão divina.

A comunidade clerical, centralizada em um líder clerical, não oferece condições satisfatórias para um maciço crescimento maduro, de todos os fiéis. Pois estes, na maioria das vezes, são manipulados pela liderança clerical que, por vezes, impõe-se, em termos de autoritarismo. Sem dúvida, a forma de organização clerical inibe a dinâmica individual e comunitária. Entretanto, a Igreja ministerial proporciona a todos os membros uma participação espontânea, através dos dons e ministérios e, por isso mesmo, sua dinâmica é curativa e libertadora. Aqueles que se abrem ao sopro do Espírito Santo, buscando tornar-se um dom de Deus dado à comunidade, por mais simples que seja o seu dom, caminham para um

processo de cura interior, encontrando, em sua participação espontânea, estímulos concretos para amadurecer, onde existem alvos que apontam para uma espiritualidade comprometida com a missão do Reino de Deus.

Por estas e outras razões, já está passada a hora de dar meia-volta no pêndulo da dinâmica eclesial, colocando a Igreja em seu verdadeiro e autêntico nível: *IGREJA MINISTERIAL*. Esta é, sem qualquer rodeio, a forma eclesial que tem condições de cumprir a missão divina, hoje, diante da problemática do mundo atual, especialmente no Brasil.

Até agora, a comunidade eclesial tem sido organizada em dimensões clericais. Mas, as condições do momento mostram, com sinais garrafais, que naquela linha ela continuará marcando passo na realização da tarefa missionária que é, por excelência, sua razão de ser. A Igreja clerical já fez a sua parte e já deu a sua contribuição. Urge, agora, descentralizar os destinos da missão, da liderança clerical para a liderança total do povo de Deus. O momento é mais que oportuno para uma redescoberta real do SACERDÓCIO UNIVERSAL DE TODOS OS CRENTES. O Espírito está soprando neste sentido, a sua ação é ininterrupta. Porém, para que a ação de sua graça seja realmente viável, ela deverá encontrar espaços abertos na vida eclesial e individual.

Aquela mutação, transformando a comunidade clerical em comunidade ministerial, não significa atacar, menosprezar, desfazer ou destruir aquilo que foi feito, até o presente momento, pela Igreja, em nível clerical. Pois foi sobre o que aí está que se edificou nossa vida cristã, até agora. Dar uma pincelada para mudar e renovar significa atualizar os mecanismos da missão da Igreja, redescobrimdo realidades que se arredaram para as margens, em sua caminhada histórica.

Reconhece-se, sem dúvida, que em todos estes anos passados, ela vem cumprindo a missão, mas o tem feito em termos de conta-gotas. Agora, o momento é mais que propício e o tempo está maduro para um despertar que envolva todas as camadas da Igreja e seus diversos segmentos na sociedade. Uma Igreja monolítica, inflexível, fechada a mudanças e determinada por uma disciplina rígida e demasiado exigente, dificilmente poderá ser uma Igreja missionária, especialmente dentro da realidade atual. Uma Igreja de portas trancadas não está preparada e nem em condições de responder aos clamores de toda sorte que se levantam ao redor. Por vezes, vislumbra-se a vontade de mudar, porém a inflexibilidade de suas estruturas torna sua mensagem inassimilável pelos homens e mulheres de nosso tempo.

O que é uma Igreja ministerial?

Esta é uma pergunta comum que se pode fazer. O conceito de Igreja ministerial talvez não caiba ou não se comporte bem dentro de uma definição lógica que exija a presença do gênero próximo e a diferença específica. Contudo, arrisca-se a formular uma definição: Igreja ministerial é o corpo de Jesus Cristo vivo e em ação, hoje, sob os auspícios do Espírito Santo, envolvendo todos os seus membros na dinâmica da missão divina no mundo. Na realidade, dizer Igreja ministerial implica, por força de linguagem, em uma redundância. Igreja, em si mesma, melhor, Igreja cristã, em si mesma, já quer dizer ministerial. Pois a igreja ou é ministerial ou então não é Igreja de Jesus Cristo, vanguarda de Deus no mundo, atualizando os ministérios do seu Senhor e Mestre.

Dizer Igreja ministerial é também dizer Igreja carismática, se bem que esta expressão não seja do agrado de muitos. Mas, agrade ou não, a verdade é uma só: a Igreja cristã é carismática, pois ela vive sob a ação das graças do Espírito Santo que nela está presente de modo permanente. Ele age na Igreja de um modo ordinário e, outrossim, Ele é a alma e o ambiente da comunidade eclesial. Sua ação manifesta-se de modo diferente, mas o faz dentro de uma missão única: a edificação do Reino de Deus. Não é possível entender a Igreja e muito menos a realidade espiritual da pessoa humana, sem qualquer referência ao Espírito Santo (Jo 14.16-31; 20.19-23; 16.12-15).

A IGREJA CRISTÃ sempre foi ministerial, pois é a comunidade povo de Deus, de serviço e ministério para todos, sem qualquer distinção de classe ou de posição. Na língua grega, havia diversas palavras para designar “povo”, mas preferiu-se, entre todas elas, a forma “*laós*”, pois esta exprime um relacionamento singular entre Israel e Deus. Israel foi declarado como “o meu povo, Israel” (Êx 3.1-7). Ainda mais, ele foi convidado a identificar o Senhor da criação como o “Deus de Israel” (Sl 69.6; 1Sm 2.30). No Novo Testamento, o “*laós* de Deus” continua sendo reconhecido como o povo da aliança em Jesus Cristo. Todos os judeus e gentios são igualmente convocados entre as nações, a fim de se tornarem “*laós*”, povo de Deus, chamados pelo seu nome (At 15.14).

Não há dúvida que “meu povo” expressa uma relação inclusiva com Deus e refere-se a todo o povo e não apenas a um grupo ou classe de fiéis. Em Israel, o profeta, o sacerdote e o homem comum, todos, eram incluídos igualmente na aliança e todos encontravam sua identidade nesta relação

com o Senhor. O mesmo deverá acontecer na Igreja, pois nela participamos de uma mesma identidade, “Jesus Cristo é tudo em todos”.

Face a estas explicações, embora sucintas, não há base para divisões de classes ou posições, na vida do povo de Deus. Toda comunidade de fé partilha de um mesmo chamado e tem a mesma identidade. Contudo, mesmo à vista desta realidade, que deve ser conhecida de todos, de um modo geral, insiste-se na distinção entre clérigos e leigos e, lá no fundo, ventila-se um pouco de ar hierárquico. Não se descobriu ainda, e não se desconfiou, apesar das evidências bíblicas, que nestas falhas dos cristãos, em não compreenderem que cada um de nós, homens e mulheres, em qualquer nível profissional, é chamado para o exercício do ministério, reside uma das causas principais do fracasso da Igreja moderna, diante de sua missão para alcançar o mundo. Tarda-se muito em dar sentido prático e real ao “sacerdócio universal de todos os crentes”. Este princípio tem sido, apenas, uma verdade teórica na dinâmica da missão da Igreja. A realidade do nosso tempo, em transição galopante, implica em rever o clericalismo.

Esta operação, passagem de uma Igreja inteiramente colocada nas mãos dos clérigos para uma Igreja assumida por todos os membros do povo de Deus, isto é, Igreja totalmente ministerial para ser totalmente missionária, não significa dar um aviso prévio aos pastores e pastoras e à liderança pastoral que afestá. Pelo contrário, deseja-se reforçar o sentido da vocação pastoral, como um dom entre os demais, conferido pelo Espírito Santo para o serviço total na comunidade eclesial. Aquela revisão significa, outrossim, abrir espaços para a participação de todo o povo de Deus, distribuir as responsabilidades da missão com todo o povo de Deus, descentralizar o dinamismo missionário e profético das mãos de um grupo e distribuí-los para todos os membros da Igreja, implantando, sem mais delongas, o **MINISTÉRIO TOTAL DA IGREJA**.

O papel do pastor na Igreja ministerial

O ministério total da Igreja não exclui o(a) pastor(a), pois sua presença é importante como um dom dado à Igreja, entre os demais (Ef 4.11). Na comunidade eclesial, há uma missão especial à sua espera: coordenar a dinâmica da igreja local, despertar e encorajar os membros da Igreja no desenvolvimento de seus dons, carismas e ministérios, ajudar no discernimento das prioridades na missão local e das necessidades reais

existentes, orientando os carismas e dons que as atendem. E, sobretudo, o(a) pastor(a), coordenando as atividades da congregação local, deverá ser um autêntico elo de unidade e comunhão, na vida da comunidade eclesial, pois são níveis importantes em sua caminhada profética e missionária.

Desta forma, o sentido fundamental da ação pastoral consiste em:

-ação coordenativa dos diversos dons e carismas, estar atento, a fim de descobrir novos dons existentes mas que ainda não estão devidamente reconhecidos;

-promover os que estão em franco dinamismo, animá-los, entusiasamá-los;

-dar direção segura aos dons e carismas, orientando-os em direção aos projetos da comunidade, com habilidade e amor;

-orientar, exortar os que estiverem equivocados, colocando assim em perigo a unidade congregacional.

A função do pastor ou pastora, como um dom entre os demais, na comunidade de fé e serviço, não consiste na acumulação de funções mas na integração dos diversos carismas dentro da comunidade, objetivando a missão divina. O ministério da unidade pode ser um expediente da Igreja total, mas, sem dúvida alguma, o pastor ou pastora assume-o de um modo mais consciente, mais concreto e mais ostensivo.

Poder-se-ia argumentar um pouco mais, destacando que na Igreja ministerial há um lugar para o pastor e a pastora, porém, o que se destacou acima dá para ter-se uma visão bem clara do que seja o ministério pastoral, hoje, na caminhada da missão da Igreja ministerial.

O MINISTÉRIO TOTAL DA IGREJA é uma das características fundamentais da Igreja ministerial. Esta tem seus motivos ministeriais no ministério de Jesus que, na verdade, foi fecundo, como nos apontam Mt 4.23-25; Lc 6.17-19; Mc 1.21 - 2.14; Mt 9.35-38. Jesus Cristo foi enviado aos homens e mulheres. Todos os seus seguidores e apóstolos deram continuidade à missão, pois todos eram mediadores da mensagem salvífica que Jesus Cristo veio anunciar. Mensagem tal que alcança a todos os homens e mulheres em sua intimidade, autenticidade e totalidade. A Igreja, como corpo vivo de Jesus Cristo, também dá seqüência à sua missão. A mensagem não é da Igreja; ela apenas comunica e atualiza a notícia do seu Senhor e Mestre.

Ao dar continuidade à mensagem de Jesus Cristo, a Igreja é, outrossim, enviada aos homens e mulheres de nosso tempo. Porém, este trânsito da Igreja em busca da pessoa humana a torna peregrina à semelhança de seu Senhor que foi enviado de Deus aos homens, em sua

missão repleta de obstáculos (Mt 7.15-29). Como seu Senhor, a Igreja é, também, peregrina no mundo. E ela não poderá deter-se em si mesma, pois sua natureza implica em ser enviada.

Parece um tanto estranho dizer que a Igreja é peregrina. Mas não há motivos para estranheza, conscientizando-se que ela atualiza, na mesma estrada, a missão de Jesus Cristo. No evangelho de Marcos abundam as expressões *logo, em seguida, depois, todavia, ora, então*, deixando claro o dinamismo, a pressa e a continuidade do trânsito de Jesus Cristo, cumprindo sua missão de salvar, indo e vindo em busca de todos. A Igreja existe para fazer esta viagem, também, aproximando-se das pessoas, onde elas estiverem e quaisquer que sejam as condições sociais em que vivam.

A Igreja é sempre peregrina

A qualificação “peregrina” dada à Igreja lembra alguns fatos importantes que se deve conhecer, pois são de suma importância para o desempenho da missão, hoje. Ser peregrina implica em:

- ser flexível no modo de cumprir a missão; em sua peregrinação ela transita, indo e vindo ao encontro de pessoas desconhecidas; cada pessoa é, em si mesma, um arcano de ações e reações que nunca se esgotam e, além do mais, cada uma tem um estoque cultural diferente e pertence a gerações também diferentes;

- o essencial da Igreja é o mesmo e é intocável, mas o modo de colocar este essencial diante das pessoas desconhecidas, moldadas por culturas e gerações diferentes, deverá ser em níveis de flexibilidade;

- nesta flexibilidade não há como eleger fórmulas fixas e estereotipadas, gestos pré-fabricados, empacotados e prontos; em sua flexibilidade, a Igreja deverá libertar-se das culturas antigas, a fim de estar completamente livre de todas as peças que possam emperrar a comunicação da mensagem a todos os homens e mulheres.

A Igreja ministerial é esta comunidade peregrina que transita de Deus indo em busca da pessoa humana. Nesta peregrinação, deverá dar pleno espaço ao Espírito Santo, a fim de vencer a tentação de parar e sustar a mobilidade da mensagem. Sem dúvida, a Igreja trabalha para esposar doutrinas corretas e essenciais, porém deverá estar cônica de que sua exagerada preocupação com a ortodoxia poderá eliminar sua

preocupação missionária, sepultando, deste modo, a missão. Uma Igreja demasiadamente preocupada com a ortodoxia dificilmente será uma Igreja missionária. Isto porque, abarrotada de fórmulas doutrinárias, encontra-se desprovida de instrumentos para comunicar-se com as pessoas, homens e mulheres, que a cercam.

Percebe-se que, por vezes, uma Igreja fala demais e seus próprios membros, com o passar dos dias, ficam intoxicados com a fartura doutrinária que possuem. Outrossim, este falar demais a si mesma a leva a esquecer-se de falar ao outro e ao mundo ao redor. Como um círculo vicioso, a Igreja que fala e ouve demais a si mesma estabelece condições tais, que a missão caminha, mas muito vagarosamente, a passos de tartaruga.

Os sinais dos tempos estão aí, diante de nós, exigindo novas formas de proclamação da mensagem. Teria sido bem mais fácil para Jesus Cristo encaixar-se dentro da tradição do judaísmo; teria havido, sem dúvida, uma maciça adesão dos judeus. Porém, a missão teria sido muito prejudicada. O Espírito Santo inspirou a Paulo para proclamar a mensagem aos gregos. E assim o fez, não somente para que os evangelizasse, mas também, a fim de que descobrisse o cerne da mensagem. Sua permanência na comunidade judaico-cristã ter-lhe-ia tolhido a possibilidade de receber o conhecimento de Jesus Cristo, na vida e testemunho dos novos cristãos da Grécia.

O Espírito divino está sempre intervindo na missão. Os sinais estão desafiando a Igreja Metodista a sair de si mesma, derrubar suas paredes de isolamento, cortar o cordão umbilical com nêveis tradicionais que impanam sua dinâmica e libertar-se de sua condição de “Igreja pró-Igreja” e projetar-se na “Igreja para o mundo”. O Espírito Santo está soprando e os sinais estão diante de nós:

- Levanta-se uma nova comunidade cristã, no mundo atual.
- Passos estão sendo articulados a fim de ir ao encontro do outro.
- Assiste-se a uma mudança extraordinária, em todos os segmentos da vida, especialmente a transição de uma civilização rural, na simplicidade de vizinhança, para uma civilização de vida urbana, onde mudam-se as ferramentas de trabalho, modificam-se as formas de relações humanas e espirituais em um processo de secularização incontrolável.

Considera-se que agora é hora dos leigos. De um modo geral, verifica-se que, na vida comum do laicato sem ordenação religiosa, sem officios, sem formação doutrinária e, às vezes, até sem dignidade no seio da Igreja, é onde reside o autêntico modelo de vida cristã. Há um desejo acentuado hoje para o viver cristão que se confunde com o viver cristão dos leigos.

O alvo da missão, hoje, não é expansão desta ou daquela igreja, por mais gigantesca que seja sua estrutura. O objetivo da missão, agora, é a criação de novos núcleos de igrejas e congregações novas que, com seu modo de viver cristão, regenerem as igrejas tradicionais, abrindo caminho para o ministério do laicato. A Igreja ministerial não clericaliza os leigos, mas laiciza os clérigos.

A opção metodista

À mercê do sopro do Espírito Santo, a Igreja Metodista optou pelo nível de uma Igreja ministerial, onde os dons, ministérios e frutos do Espírito Santo movimentam sua dinâmica de trabalho, onde seus membros, em lugar de terem um cargo ou uma posição, são dons do Espírito Santo dados à Igreja, para o desempenho da missão. A sorte está lançada e não há como voltar atrás, pois a caminhada deve ser irreversível. Esta escolha poderá custar caro, mas este é o caminho que o Espírito Santo está apontando para a Igreja. Ela, em nome do Deus trino, desafia todos os seus membros, homens e mulheres, jovens, juvenis e crianças, a fim de que todos tomem uma posição positiva e decisiva, nesta nova jornada da missão.

Para esta nova empresa será necessário nascer de novo, renunciar muito, sepultar as idéias preconcebidas, os preconceitos e os lugares comuns e libertar-se das estruturas que já não falam mais, na hora atual, e ouvir bem a voz do Espírito. *QUEM TEM OUVIDOS OUÇA O QUE O ESPÍRITO DISSER ÀS IGREJAS.* Dons, carismas e ministérios são uma realidade bíblica indiscutível. Deus chama homens e mulheres, para que dêem sua contribuição nos propósitos de sua obra criadora e libertadora e, por isto mesmo, providencia os instrumentos necessários para tal empreendimento. No Antigo e no Novo Testamento, há vestígios destes instrumentos concretos. O Espírito Santo conferiu dotações especiais, capacidades, carismas, dons e ministérios, para que homens e mulheres participem na obra do Reino de Deus. Este expediente está muito claro, tanto no Antigo, como no Novo Testamento.

MOTIVOS BÍBLICOS DA DINÂMICA DOS DONS E MINISTÉRIOS

Na maioria das vezes, no que tange à dinâmica dos dons e ministérios, volta-se exclusivamente a alguns textos paulinos que examinam o assunto de um modo mais direto. Olvidam-se, entretanto, outros textos e idéias que mais fundamentam o tema, especialmente na dinâmica missionária do Antigo Testamento. Deixa-se, desta sorte, de ver os dons e ministérios com base na história vivida pelo povo de Deus, tanto no Antigo como no Novo Testamento. Por exemplo, o sacerdócio universal de todos os crentes alicerça-se nos dois testamentos, porém, aquele princípio da Reforma tem sido tratado como se fosse um expediente sem fundamento bíblico. De vez em quando, alguém pergunta sobre o fundamento bíblico daquele princípio, mostrando desconhecer suas bases na Palavra de Deus.

Dons e ministérios são expressões do amor e da vontade de Deus revelada na pessoa de Jesus Cristo. Elas são, outrossim, graças do Espírito Santo, que agiu no Antigo Testamento, através das dotações especiais, atuou no Novo Testamento, em termos de dons, carismas e ministérios e continua operando, na dinâmica da Igreja, capacitando o povo de Deus para a missão e atualizando seus instrumentos de ação, por meio de dons e ministérios. Estes estão espalhados por toda Bíblia, onde há motivos que os fundamentam; motivos estes que poderão ser encontrados na vida e ministério de Jesus Cristo. Vejamos alguns destes motivos, especialmente através da *ILUSTRAÇÃO DO FILHO DE DEUS*, da *IMAGEM DO SERVO DE DEUS* e da *FIGURA DO PASTOR*.

A. A ILUSTRAÇÃO DO FILHO DE DEUS

Sem descer a detalhes e pormenores outros, verifica-se que, no Antigo Testamento, a expressão ou título *FILHO DE DEUS* era usada

em três dimensões principais: foi empregada para os mensageiros especiais de Deus, tais como: anjos e messias; foi usada, outrossim, para os reis e monarcas e, também, para designar o povo de Israel. Ao rei, dava-se o título de Filho de Deus, como um vocacionado divino para um desempenho determinado, porque também ele era do povo.

Vejam alguns destes usos no texto. Moisés recebe ordem de dizer ao faraó: “Assim diz o Senhor: Israel é meu filho primogênito” (Êx 4.22). “Quando Israel era menino eu o amei”, e “do Egito chamei meu filho” (Os 11.1). O povo de Israel diz a Deus: “Mas tu és nosso Pai (...)”, dando a entender que Israel era filho de Deus (Is 63.16). Em Isaias e Jeremias, os israelitas, em conjunto, são chamados de “filhos” e eles os qualificam como “filhos rebeldes” (Jr 3.20; Is 45.11; Sl 82.6; Jó 1.6; 2.1; 38.7; Sl 29.1). Em todos estes textos, onde aparece filho ou filhos de Deus, há a idéia de uma vocação divina para uma missão particular, com a ressalva de uma obediência absoluta.

No Novo Testamento, Jesus Cristo recebe o nome de “Filho de Deus”. E este foi um título através do qual a comunidade primitiva confessava sua fé em Jesus Cristo. Houve, sem dúvida, uma confissão de fé, nestes termos: “Jesus Cristo é o Filho de Deus”. No evangelho de João e na epístola aos Hebreus, o conceito “Jesus Cristo, Filho de Deus” é uma realidade cristológica fundamental. A expressão era também um termo preferido na cristologia paulina. Marcos deu, outrossim, uma importância particular àquele título, pois consta que intitulou sua obra da seguinte maneira: “Jesus Cristo, Filho de Deus”. O uso da expressão aplicada a Jesus Cristo deu mais vida e força ao significado do título: ser vocacionado para realizar a obra do serviço divino, em uma pauta de irrestrita obediência a Deus.

A importância da família

Em face destas considerações sobre a expressão “Filho (ou Filhos) de Deus”, onde a vocação para o serviço divino era uma tônica, recorda-se que aquela expressão lembra, outrossim, laços de relações familiares, sendo que, na vida do povo de Deus, as relações familiares tinham um valor sagrado. A família, de acordo com a origem do termo, pressupõe a idéia de serviço. Jesus Cristo fez algumas declarações sobre a família, tais como: “E, estendendo a sua mão para os discípulos, disse: minha mãe e meus irmãos. Por que qualquer que fizer a vontade de meu Pai

celeste, esse é meu irmão e minha mãe” (Mt 12.49-50). A comunidade cristã deveria viver em termos de uma família, onde está presente o amor fraternal contido na idéia de irmão e irmã (Ef 2.19; 3.15). Outrossim e bem freqüente, o apóstolo Paulo usa a linguagem familiar, lembrando a figura do filho: “O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus. Ora, se somos filhos, somos também herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo” (Rm 8.16,17).

Também a promessa de Deus enfatiza a nova revelação, libertando aqueles que se encontravam escravizados sob os rudimentos do mundo: “(...) para resgatar os que estavam sob a lei, a fim de que recebessem a adoção de filhos. E porque vós sois filhos (...)” (Gl 4.1-7; Ef 3.6; Tt 3.7). Ainda mais, todos os membros da família de Deus, além da mútua relação fraternal, têm também uma responsabilidade única: “levei as cargas uns dos outros e assim cumprireis a lei de Cristo” (Gl 6.2). Ainda mais, Jesus Cristo, em seu tratamento íntimo com seus discípulos, anunciou-lhes que deviam servir em seu lugar, dando continuidade à missão do Reino de Deus. Além do mais, os primeiros discípulos criam que o ministério de Jesus Cristo, *O FILHO DE DEUS*, consumava o propósito redentor divino que deveria ter sua continuidade através do testemunho e serviço de toda comunidade eclesial. Seus seguidores, pela fé, membros daquela comunidade, pelo batismo, tinham a incumbência de dedicar-se à missão divina autenticamente comprometida com a realização do Reino que o *FILHO DE DEUS* inaugurou.

Desta maneira, o cuidado pastoral, em todas as suas formas, envolvendo todos os homens e mulheres em sua totalidade, é uma tarefa a ser desenvolvida por toda família cristã. Pois ela e todos os seus membros são co-herdeiros com Jesus Cristo e, por isso mesmo, também responsáveis pelo serviço do Reino. Para o cumprimento deste empreendimento missionário, o Espírito Santo distribui dons, graças e carismas, a fim de que a Igreja, com toda a sua grei, participe da missão salvadora do *FILHO DE DEUS*.

B. A IMAGEM DO SERVO DE DEUS

O serviço do Reino de Deus encontra um modelo dinâmico na ilustração do Filho de Deus. Ser filho de Deus é sentir-se vocacionado para servir a Deus. Mas os motivos dinâmicos para servir à missão divina no mundo envolvem também a figura do(a) Servo(a) de Deus. Este é,

outrossim, um título muito significativo nas páginas da Palavra de Deus. Ser servo(a) de Deus é pertencer-lhe. Neste sentido, foi usado para diversos personagens bíblicos, tais como: Jacó, Moisés, Josué, Isaque, Davi, bem como para outros personagens fiéis a Deus (Gn 32.9-10; Nm 12.7-8; Js 24.29; Dt 9.27; 2Sm 3.18; 2Rs 10.23). Servo de Deus era aquele que trabalhava no serviço divino e estava sujeito a Ele. Identificar-se com o serviço divino confirmava o chamado vocacional e envolvia a idéia de povo especial (Ne 1.6; Sl 105.25; 135.14; Is 63.14).

A condição de servo do Senhor indicava também uma dimensão de adoração e completa dependência de Deus. Assim, servo de Deus era aquele que celebrava, era também a comunidade de Israel desenvolvendo suas mais variadas formas litúrgicas, tais como celebração de suas festas, e assembléias, no Templo, e o estabelecimento da aliança (Sl 113.1; Êx 7.16). Servir a Deus era, pois, motivo de grande satisfação para o servo. Porém, a dimensão de servir não constituía um fim em si mesma, pois o estilo de vida exarado na Lei, em termos de amor e justiça, visava testemunhar a todas as nações a presença e o poder de Deus (Rt 4.6-8).

O serviço divino tomava também feições de uma atitude moral, em dimensões de fidelidade, diante de Deus: “Israel é o servo de Deus” (Sl 69.37; 102.15; Is 41.6-9; 43.10; 44.1,2). Afirmação como tal envolvia todas as relações do povo com Deus e de Deus com todo o seu povo. Deus chama a Israel de “o meu servo” porque o vocacionou, exigindo obediência total à sua vontade. O trecho de Isaias 40-45 deixa bem clara a relação de Deus com Israel e o texto narra esta relação em dimensões exaustivas. Porém, uma pesquisa sobre o servo de Deus no Antigo Testamento não poderá fazer omissão dos quatro cânticos examinados pelo profeta Isaias. Eles são conhecidos pelo nome de “os cânticos do Servo” (Is 42.1-4; 49.1-6; 50.4-10; 52.13 a 53.12). Sem descer a maiores detalhes, destaca-se aqui uma resumida apreciação à beleza poética e profética destes cânticos do Servo de Deus.

Vejamos:

- Is 42.1-4. O Servo receberá o Espírito de Deus. Sua proclamação inclui o direito dos gentios. Sua vinda não se dará com alardes. Não negará a cana quebrada e nem apagará o pavio fumegante (Is 42.2,3a). Esta é uma referência aos renegados e marginalizados da sociedade. O Servo do Senhor acolherá os feridos, os indignos, os rejeitados a quem dará muito valor. Não haverá desânimo na tarefa do Servo do Senhor e nem quebranto no cumprimento da missão, pois Ele irá até o fim, pondo o direito na terra (Is 42.3b,4).

- Is 49.1-6. Descrição do Servo do Senhor como uma arma nas mãos de Deus (49.21). Parece de balde sua atividade, porém esta concorreu para que Israel fosse reunido ao Senhor (Is 49.4,5). Na verdade, o Servo do Senhor é uma luz para os gentios, a fim de levar a salvação até os confins da terra (49.6).

- Is 50.4-9. Aqui, com rara habilidade literária, refere-se à profunda sensibilidade do Servo do Senhor diante da voz de Deus. Esta característica dá condições ao Servo para proclamar a boa palavra ao cansado. Sua obediência, como servo, acarreta sobre Ele o seguinte: acusação injusta; Ele é provocado e cuspidado, mas, mesmo em face de tudo isto, permanece em plena obediência a Deus e fiel ao cumprimento de sua missão (Is 50.8).

- Is 52.13- 53.12. Parece que esta mensagem é a mais conhecida dentre os cânticos do Servo. Ela narra a discussão da morte do Servo por nossas transgressões. Seu sacrifício verá sua posteridade e prolongará seus dias (52.10 e 53.11); o Servo não será reconhecido pelos homens (53.1, 2). Ele é desprezado pelos que não compreendem sua obra, em face de sua lealdade a Deus (53.3). Beleza e majestade são qualidades que Ele possui (53.2). Sofreu em silêncio e viveu sem enganar a quem quer que fosse e, através de sua obra, os homens foram libertados de seus pecados e foram justificados. No juízo final, Ele será exaltado pelo Senhor (53.4, 5, 7, 9, 11, 12).

Sem dúvida, os profetas estavam mais que cientes do fracasso de Israel na meta de ser um servo obediente, em sua maneira de servir a Deus. E, assim, o profeta Isaias compara o povo de Israel a uma vinha. Mesmo tendo sido esta plantada e cuidada por Deus, seus frutos tornaram-se amargos. Em face desta falha do povo de Israel, em sua dimensão de servo, os profetas tratam da questão sob dois ângulos:

- Apesar do fracasso do povo, Deus confirmava a aliança pactual com ele. Os profetas narram este evento em linguagem de rara beleza, deixando claro que Deus ainda chama o povo de Israel e o trata como servo. E mesmo diante de seus descaminhos, Ele promete-lhe a redenção final (Is 44.21; 49.3; Jr 30.10; 46.27, 28).

- Outra forma de abordar a desobediência do povo de Israel, pelos profetas, à vista de sua rebeldia, era anunciar a vinda de outro servo que não iria falhar. Desta sorte, surge a proclamação que se refere à sua vinda: os cânticos do Servo. Estes textos tratam do Messias que vem, como um rei prometido, a fim de desempenhar o papel de Servo de Deus.

Há diversas interpretações detes cânticos do Servo, compostos em versos líricos pelo profeta Isaias. Contudo, Jesus Cristo viu neles a imagem

de sua missão. E a Igreja cristã encontra, no Servo sofredor, o anúncio profético de Jesus Cristo crucificado pela salvação do mundo. Na verdade, a pessoa de Jesus é uma individualidade bem definida, porém o seu corpo é a Igreja, em sua realidade comunitária (1Co 12.27). Por isso mesmo, o Servo de Deus designa a comunidade dos fiéis, mas refere-se, de outro lado, a uma pessoa particular, através de quem Deus cumpre a missão de salvar. O sentido coletivo e individual do Servo de Deus está bem de acordo com os escritores bíblicos que não separam o indivíduo da comunidade religiosa do povo de Deus.

“Servo de Deus” no Novo Testamento

O Novo Testamento usa a expressão Servo de Deus. O texto mais importante e mais profundo que trata do assunto encontra-se na carta de Paulo aos filipenses, onde diz o seguinte: “(...) pois Ele, subsistindo na forma de Deus não julgou como usurpação ser igual a Deus; antes a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se semelhante aos homens e reconhecido como figura humana (...)” (Fl 2.5-11). A ênfase do texto encontra-se no fato de Jesus Cristo ter demonstrado ser o Servo. Paulo aproveita a mensagem, insistindo com a igreja de Filipos, que substitua o egoísmo pela humildade, colocando o outro em primeiro lugar (Fl 2.3-5). Em qualquer outra circunstância em que Jesus Cristo é destacado como Servo, ocorrem exortações e apelos, a fim de que o procedimento seja o mesmo (Mt 20.26-28).

Servo de Deus é, sem dúvida, bem usado no Novo Testamento, referindo-se a Jesus Cristo. Mas, outras vezes, refere-se a seus seguidores (Rm 1.1; At 3.13; Fl 1.1). Paulo faz uso da expressão, referindo-se a si mesmo (Rm 1.1), mas usa-a dirigindo-se a seus colaboradores (Fl 1.1; Cl 4.12) e também a todos(as) os(as) cristãos(ãs) (1Co 7.22). Servo de Deus é, outrossim, usado implicitamente no prefácio das cartas de Tiago e Tito (Tg 1.1 e Tt 1.1). O livro de Apocalipse dá ao título uma ênfase especial, pois é ali inserido diversas vezes seguidas (Ap 7.3; 11.18; 22.3).

Numa referência especial a Jesus Cristo, os escritores do Novo Testamento anunciam que Ele esteve, entre os homens e mulheres, como aquele que serve (Lc 22.27). De outro lado, quando tencionam fazê-lo rei, Ele mesmo explica que não veio para ser servido, mas sim para servir e dar sua vida em resgate de muitos (Mt 20.29). Deste modo, na última ceia,

na cena do lava-pés, Ele destaca a natureza de seu ministério como Servo de Deus (Jo 13.4-11). Os textos paulinos falam sobre Ele, usando a seguinte linguagem: “despojando-se a si mesmo, tomando a forma de servo, humilhou-se a si mesmo, fazendo-se obediente até a morte, e morte na cruz” (FI 2.8).

Sem dúvida alguma, a imagem do Servo de Deus é o acontecimento central na vida histórica de Jesus Cristo e está perfeitamente adequada ao testemunho do Novo Testamento, em sua totalidade. Percebe-se que a morte expiatória de Jesus Cristo não é apenas a idéia principal de sua vida terrena, mas é também o evento chave da história da salvação. Jesus Cristo realiza, como Servo de Deus, no momento decisivo, a decisiva obra do desígnio de Deus para a salvação do mundo. Servo de Deus, portanto, caracteriza a pessoa e a obra de Jesus Cristo, de uma maneira inteiramente exata, como testemunha o Novo Testamento.

As colocações sobre o Servo de Deus constituem um verdadeiro desafio, não somente para a congregação cristã, mas também para todos os cristãos, individualmente falando. O serviço ministerial encarnado no ministério de Jesus Cristo, como Servo de Deus, deverá sensibilizar cada uma de nossas congregações e a cada cristão, diante das necessidades de nosso próximo e das realidades atuais. Cada cristão, por sua adesão a Jesus Cristo, torna-se também servo de Deus. Nesta condição, recebe dons, carismas e capacidades que deverão ser desenvolvidos em ministério, em sua participação na missão do Reino de Deus. Paulo e Pedro eram servos de Deus e, na consciência desta condição, deram sua participação, através de suas capacidades, cooperando com Deus, na realização do seu Reino. Servo de Deus significa obediência ao serviço do Reino de Deus. Este serviço é desenvolvido através de dons, carismas e ministérios que o Deus trino confere a todos os homens e mulheres, a fim de que todos possam participar do seu plano de salvação. Serviço, dons, carismas e ministérios são, por isso mesmo, as *FERRAMENTAS DA MISSÃO DO REINO DE DEUS*.

C. A FIGURA DO PASTOR

Na ilustração do filho de Deus, preocupou-se em demonstrar que a expressão diz respeito à vocação para o serviço de Deus e obediência ao seu chamado. Na imagem do servo de Deus, destacou-se que ser “servo

de Deus é pertencer-lhe em termos de obediência e serviço". Mas a figura do pastor também refere-se ao serviço prestado à missão divina. Pastorear na caminhada da Igreja, como povo de Deus, é servi-lo. Tanto a ilustração do filho de Deus, a imagem do servo de Deus, como a figura do pastor fundamentam a dinâmica dos dons e ministérios, em pauta prioritária, hoje na missão da Igreja. O simbolismo do pastor ocupa um espaço pleno e especial na Bíblia. Esta imagem pastoral de serviço entrou para a teologia prática, através da Palavra de Deus. O povo de Deus dedicou-se ao pastoreio. O salmista dirigia-se a Deus como o grande Pastor que restaura, guia, provendo, com sua misericórdia, o alimento para o corpo e o espírito (Sl 23; 80).

Sem dúvida alguma, o cuidado divino em direção da pessoa humana é, por sua natureza, uma expressão de afeto e cuidado pastorais, visto ser desenvolvido em termos de uma tarefa pastoral. Neste cuidado e desvelo, Deus providencia todas as formas de atendimento e supre todas as necessidades fundamentais da pessoa humana, do mesmo modo que o pastor cuidava de suas ovelhas (Ez 34.11-16). O povo de Israel deu-se à criação de rebanhos de ovelhas, pois daí provinha sua principal fonte de riqueza. A ovelha servia de alimento para o povo bíblico, não somente no período nômade, mas também no sedentário, na terra de Canaã. Além do alimento, a ovelha fornecia a lã. Com esta, tecia suas tendas para moradia. As ovelhas eram, por isso mesmo, comercializadas, representando uma boa fonte de renda.

À vista disto, a experiência pastoril do povo de Israel coloca-nos a par de que a atividade de pastor de ovelhas era um mister comum entre eles, que se caracterizava pela exímia habilidade no que tange ao trato do rebanho. O desempenho do pastor era árduo: preocupava-se com todas as ovelhas, providenciando-lhes as formas de nutrição necessárias, defendendo-as das diversas formas de perigos, diante de animais selvagens e dos salteadores; curava as enfermas e feridas, buscava as que estivessem dispersas e tresmalhadas (Sl 23.1-6; Ez 34.11-16; Lc 15.3-7).

Ainda mais, a vida do pastor era marcada pelo estreito relacionamento com o rebanho e qualquer pastor, cioso do seu serviço, conhecia a cada uma de suas ovelhas; elas distinguiam sua voz e ele nunca as abandonava. Sem qualquer sombra de dúvida, a figura do pastor, na história do povo de Deus, lança muita luz sobre o relacionamento de Deus com a pessoa humana, pois Ele é o Pastor por excelência. O pastor representava autoridade, traduzia afeto, carinho, solicitude, prontidão e força. Na mesma linha, em sentido infinito, Deus é excelso e soberano. Ele

é o Senhor de tudo, mas é também, e ao mesmo tempo, o Pai afetuoso e o sumo Pastor de todo seu povo.

O Novo Testamento deixa claro que Jesus Cristo reservou para si mesmo a denominação de “o bom Pastor”: “Eu sou o bom Pastor”. O bom pastor dá a vida por suas ovelhas (Jo 10.11-14). Na verdade, existem outros textos em que Jesus Cristo atribuiu qualidades a si mesmo: “Eu sou a luz do mundo”; “Eu sou o pão da vida”; “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”. Entre todas estas imagens atribuídas a Jesus Cristo, o simbolismo do Pastor foi a descrição mais perfeita, mais viva e de maior realce e alcance em seu pensamento. Em Jesus Cristo, a imagem do Pastor lastima as condições de abandono em que se encontrava seu povo, que andava errante como ovelhas que não têm pastor (Mt 9.36).

O pequeno círculo de discípulos de Jesus Cristo sentiu, bem de perto, a profundidade de seu pastoreio. Ele privou estreitamente com eles, reservando grande parte de seu tempo para cuidar deles. Ele deu-lhes exemplo de serviço pastoral, preparando-os e adequando-os, a fim de que continuassem o serviço de seu ministério pastoral, depois de sua partida. A Pedro, Ele recomendou que apascentasse suas ovelhas e seus cordeiros (Jo 21.15-17). Mais tarde, o próprio Pedro exorta seus patrícios na mesma direção: “apascentai o rebanho de Deus” (1Pe 5.1-4).

A visão, o modelo e a prática do serviço ministerial de Jesus Cristo comunicava a idéia de serviço prestado ao Reino de Deus. Ele mesmo, como o Pastor por excelência, encarnou a dinâmica do serviço prestado ao outro, em nome do Reino que Ele mesmo inaugurou. O serviço pastoral, em sua evolução histórica, está ligado à idéia de autoridade, desvelo e relação interpessoal, mas, de outro lado, prende-se também à entrega de si mesmo, até o dom total da vida, em serviço e testemunho para alcançar a quem serve.

A Igreja cristã é o corpo vivo de Jesus Cristo agindo, atualizando hoje o seu ministério pastoral. A Igreja atualiza a presença de Jesus Cristo, continuando, assim, a obra da salvação, dentro do plano da criação divina. Jesus Cristo é o modelo para o serviço do ministério pastoral da Igreja, hoje. Seu serviço pastoral deverá ser desenvolvido em sentido total, pois todo aquele que o aceita, e pelo batismo é inserido na comunhão dos fiéis, assume, por isso mesmo, a responsabilidade de participar da sua missão, através de seu serviço pastoral. A Igreja não persegue prestígios e honrarias. Porém, ela busca realizar a missão do seu supremo Pastor: o cuidado pastoral. A Igreja existe na pessoa de seus membros, homens e mulheres, e a estes o Espírito Santo distribui dons, ministérios e ca-

pacidades, a fim de que a Igreja total, como povo de Deus, em serviço no mundo, leve a bom termo o cuidado pastoral, servindo à comunidade ao redor e ao mundo, dentro da realidade presente. Dons e ministérios são as dinâmicas da Igreja ministerial para o cumprimento da missão.

SERVIÇO, DONS, CARISMAS E MINISTÉRIOS: FERRAMENTAS DA MISSÃO

Sem muito esforço, conclui-se pela exposição das imagens e ilustrações do capítulo anterior que há, sem dúvida, uma relação entre elas e o serviço, dons, carismas e ministérios e a dinâmica total da Igreja, hoje, no que se refere ao cumprimento da missão e dos ministérios de Jesus Cristo, no mundo atual. Todos os homens e mulheres que hoje aceitam a Jesus Cristo, numa autêntica experiência de espiritualidade comprometida, encarnam a missão do Filho de Deus, do Pastor e do Servo de Deus. Deste modo, estão a serviço de Deus que os vocaciona para a missão no mundo. O ponto central daquelas imagens é o serviço prestado ao Reino de Deus, em face de seu chamado. Deus vocaciona e municia para as tarefas do Reino. Entende-se, por isso mesmo, que o serviço, dons, carismas e ministérios distribuídos pelo Espírito Santo (1Co 12.1-11; Ef 4.7-16) são as ferramentas para a participação na missão divina.

Quantos são os dons, carismas e ministérios?

Uma de nossas grandes dificuldades, quanto aos dons, carismas e ministérios, é o nosso condicionamento a alguns poucos textos que se referem a eles no Novo Testamento, especialmente, na correspondência paulina. Há um isolamento deste assunto tão importante, confinando-o, quando, na verdade, dever-se-ia encará-lo como graça do Espírito Santo que impregna a mensagem total da Bíblia. Seria de bom alvitre proceder a uma releitura da Palavra de Deus, a fim de renovar e ampliar nossa visão sobre ele. Nosso condicionamento tão somente aos textos paulinos afunila muito nossa visão sobre o assunto, que é de tão grande importância para a missão divina no mundo.

Numa tentativa de esclarecimento, nas linhas anteriores, focalizou-se algumas colocações, mostrando, com aquelas ilustrações, alguns motivos bíblicos que fundamentam a participação de todos os fiéis, na missão divina, através de seus dons, carismas e ministérios. Além daquelas imagens, uma busca no Novo Testamento ajuda muito nosso modo de entender a participação de todos os fiéis, no serviço divino.

O Novo Testamento deixa bem claro que a manifestação do Espírito Santo está presente em todas as formas de dotações especiais, sem qualquer distinção entre o sagrado e o secular. Alguns textos, especialmente do Antigo Testamento, nos ajudam a conferir o acerto: o Espírito Santo dotou artífices em madeira e metal, com habilidade especial (Êx 31.1-6); deu força sem igual a Sansão (Jz 14.6); dotou a Otoniel com sabedoria política (Jz 3.10); e capacitou a José do Egito com verdadeiro tirocínio político para administrar a casa de Potifar (Gn 39.1-23). A carta do apóstolo Tiago nos lembra que todas as qualidades humanas são, de direito, atribuídas a Deus. Sem dúvida, Deus pode usar nossas prendas, na realização de seus propósitos salvíficos.

Como não seria diferente, na comunidade eclesial, hoje, se todo o povo de Deus visse e valorizasse cada talento, capacidade e habilidade, como um dom gracioso de Deus e que pode ser usado na missão, através do serviço prestado ao outro!

A cada crente é destinado um dom e um ministério

Um confronto dos textos tradicionais que examinam os dons e ministérios no Novo Testamento com aquele modo acima, de conceber as dotações especiais, levanta, possivelmente, uma diferença. Porém, esta diferença poderá ocorrer não na fonte, que é sempre a mesma, o Espírito Santo e, também, em seu modo de usar para o serviço de Deus e do outro. Mas a diferença ocorre no contexto e na função dos dons. Os dons espirituais, no Novo Testamento, têm seu contexto no corpo de Jesus Cristo. Estas considerações pretendem nos mostrar que todas as qualidades e capacidades humanas deverão ser atribuídas a Deus e que Ele pode fazer uso delas para realizar seus propósitos. Os reformadores beberam desta fonte, para formular o importantíssimo princípio do “sacerdócio universal de todos os crentes”.

Todavia, este princípio tem sido muito ignorado, através da história, por conveniência ou não. Só uma pequena parte de sua verdade tem sido defendida e ensinada: cada um de nós é um(a) ministro(a), é um(a)

sacerdote(isa) e, por isso mesmo, poderá ter comunhão direta com Deus, sem qualquer intermediário. Esta é apenas uma parte da realidade, pois o princípio quer dizer também que cada um(a) de nós é ministro(a) e sacerdote(isa), a fim de participar com Deus na dinâmica de sua missão salvadora e libertadora. O sacerdócio universal é, outrossim, conhecido como o “princípio da santidade comum”, opondo-se ao sacerdotalismo, clericalismo e ascetismo monástico. Ele afirma a santidade e sacerdócio de todos, frente às pretensas intenções superiores da vocação monástica. Ele mostra também que há tanta ou mais santidade nos diversos segmentos da vida comum, onde todos os homens e mulheres são chamados, nas relações da vida, do que no ascetismo.

Sem dúvida, este modo de compreender foi revolucionário, especialmente quando Lutero proclamou seu famoso Apelo à Nobreza Alemã. Pois, aí, derrubou a linha divisória entre o sagrado e o secular e deu às tarefas comuns da vida diária, essenciais para a humanidade, o sentido de santidade. O destaque à santidade da vida comum, através do sacerdócio universal, foi uma das maiores contribuições da Reforma ao cristianismo e, outrossim, ao progresso social da humanidade. É bem verdade que como doutrina não tem produzido os efeitos que se esperava dele. Contudo, o crescimento em maturidade espiritual lhe dará os espaços necessários ao desenvolvimento do serviço da missão.

Diversas vezes, tem-se manifestado sobre o lugar que o sacerdócio universal deveria ocupar na missão da Igreja, dando-lhe melhores condições para desenvolver seu ministério total, através dos dons e ministérios. Nossa pávida acolhida àquele princípio da Reforma desemboca em dois grandes perigos: não se tem enfatizado a vocação de todos os crentes, a fim de que todos utilizem seus dons, carismas, habilidades, capacidades e prendas, desenvolvendo-os em autênticos ministérios para realizar os propósitos salvadores de Deus; tem-se dado pouco valor às diversas formas de capacidades que são, de fato, verdadeiras dotações divinas e, de outro lado, o modo como são tratados os dons e ministérios, no que tange à sua natureza, expressa nossos conceitos errôneos e equívocos sobre eles, pois, os tomamos como expediente individual, quando deveriam ser considerados em seu conjunto, como ação coordenada, dentro da realidade do corpo de Jesus Cristo.

Tem sido muito difícil implantar a nova caminhada dos dons e ministérios, na missão da Igreja Metodista. Este novo modelo é uma pauta bíblica que não deveria encontrar barreiras. Pois as realidades estão aí, diante de nós, exigindo mudanças na forma de promover a missão. As novas

condições, inquestionavelmente, impõem novas intenções ministeriais. A criação de novas intenções não invalida a intenção fundamental do ministério total da Igreja que sempre será proclamadora. Na verdade, justifica-se a existência da Igreja, no fato de atualizar a manifestação do Evangelho de Jesus Cristo. A importância desta atualização da mensagem encontra-se no fato de que a Igreja pode ir ao encontro de valores dos homens e mulheres contemporâneos, dando respostas concretas aos problemas atuais.

Nos anos passados, não se deu aos dons e ministérios um espaço necessário e claro na dinâmica da Igreja. Seu espaço foi ocupado pelos cargos, posições, funções e ofícios. Possivelmente, pensou-se que os dons e ministérios pudessem ser exercidos através deles. Porém, isto raramente acontece. Mas os cargos e posições esvaziaram-se em face de sua distância da realidade prática. Esposava-se um cargo e, às vezes, de forma vitalícia, mas não passava daí, e a Igreja tornava-se estática. Cargos, funções e ofícios parecem ter transformado a comunidade eclesial em uma super-instituição.

Todavia a Igreja não se reduz a uma instituição; ela é muito mais que isto. Ela é um verdadeiro sacramento, serviço, libertação e comunhão, sob os auspícios do Espírito Santo. A Igreja é a comunidade de Jesus, e seus discípulos, convocados e identificados com Ele e renovados pelo sopro do Espírito divino, agem com Ele, por Ele e n'Ele, através de seus dons e ministérios distribuídos pelo Espírito, a fim de poderem participar na construção do Reino de Deus que Jesus Cristo veio inaugurar.

Os dons gratuitos refletem a liberdade do Espírito

Quanto aos dons, carismas e ministérios propriamente ditos, o Novo Testamento, especialmente alguns textos das cartas paulinas, os menciona de um modo generalizado. Parece ser ponto pacífico, entretanto, que o termo carisma foi realmente forjado pelo apóstolo Paulo, dando-lhe o sentido de dom divino gratuito, oportunando assim uma definição nos seguintes termos: carismas são dons gratuitos do Espírito Santo destinados à edificação da Igreja, corpo de Jesus Cristo.

Um exame, embora ligeiro, revela que os dons e carismas apresentam uma diversificação infinita. E é dentro desta diversificação que o Espírito Santo estrutura a Igreja, segundo as capacidades, qualidades e disposições de cada um, canalizando-os para os serviços e funções comu

nitários. Neste sentido, deverá ficar bem claro que esses dons gratuitos resultam da liberdade do Espírito Santo, na liberdade dos fiéis. O valor destes dons gratuitos só é medido pelo amor (1Co 13.1-3). Assim, o amor é a medida e o recurso através do qual o Espírito Santo opera tudo em todos.

Elaborar uma tipologia dos dons, carismas e ministérios é uma empresa bem difícil. Esta dificuldade levanta-se em face da insistência em recorrer somente aos relatos do Novo Testamento, esquecendo-se de que, ali, trata-se do modelo de uma Igreja em condições originais. Os dons, carismas e ministérios, naquela comunidade primitiva, assim o foram, em demanda das condições do tempo e das exigências da missão naqueles dias. Sem dúvida que as listas de dons, carismas e ministérios são válidas. Entretanto, entende-se que aquele rol de dons não esgota o assunto, pois diversifica-se ao infinito. Percebe-se ainda que, mesmo ali, no Novo Testamento, aquelas listas não são uniformes, mas variadas. Esta variedade deve-se ao fato de que as solicitações da missão sugeriam que as comunidades eclesiais se organizassem diversamente, e as exigências diferiam de uma para outra.

Na comunidade primitiva, a divisão dos campos de apostolado não se fazia segundo a geografia, mas de acordo com os povos e suas culturas. Por exemplo, em Jerusalém, nas origens, os Doze para os judeus cristãos e os Sete para os de língua grega. Algum tempo mais tarde, Pedro, João e Tiago vão ao encontro dos circuncidados, mas Paulo e Barnabé caminham em direção aos pagãos. Percebe-se que a organização da Igreja em Antioquia, onde havia judeus falando grego, era diferente da organização da Igreja em Jerusalém. Em Antioquia havia doutores e profetas e em Jerusalém havia anciões (presbíteros) (At 6.1ss; Gl 2.9; At 13.1; 15.2).

Talvez fosse bom lembrar que nas práticas apostólicas não ocorre uma tipologia, mas há relatos de práticas carismáticas e isto porque a fundação da Igreja é uma experiência carismática. Recorde-se o que diz o texto: “Ao cumprir-se o dia de Pentecoste, estavam todos reunidos no mesmo lugar; de repente veio do céu um som, como de um vento impetuoso, e encheu toda a casa, onde estavam assentados. E apareceram, distribuídas entre eles, línguas como de fogo, e pousou uma sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e passaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem” (At 2.1-4). De maneira semelhante, Pedro curava (2.1-11), os fiéis cumpriam serviços mútuos, com graças singulares (4.32-37), ajudando à mesa (6.1-7), testemunhando a doutrina, com suas vidas (7.1-6). Estas

práticas carismáticas revelam uma tipologia própria das exigências da época.

Convém, entretanto, lembrar, ainda, que o apóstolo Paulo tratou do assunto, sem exauri-lo. Sua orientação quanto a uma tipologia dos dons e carismas é informativa, deixando claro que as graças do Espírito Santo são infinitas, podendo ser multiplicadas de acordo com as diversas situações envolventes da comunidade. Assim, diz-se que dons e carismas emergem das diversas situações em que vive a comunidade eclesial, pois o Espírito Santo está atento à caminhada de sua Igreja, municiando-a, a fim de que ele a possa atender no momento da missão. Veja-se a diversificação tipológica de Paulo, segundo a igreja à qual ele se dirige:

1Co 8-10	1Co 12.38-30	Rm 12.6-8	Ef 4.11
Sabedoria	Apóstolo	Profeta	Apóstolo
Conhecimento	Profeta	Diácono	Profeta
Fé	Mestre	Mestre	Evangelista
Cura	Milagres	Exortador	Pastor
Milagres	Curas	Esmolas	Mestre
Profecias	Assistência	Presidente	
Discernimento	Governo	Obras de	
Línguas e	Língua	Misericórdia	
Interpretações			

A liberdade do Espírito na história da Igreja

À vista destas listas, segundo Paulo, na caminhada histórica da Igreja, foram elaboradas outras tipologias, pois, como já se fez referência, o apóstolo não pretendeu esgotar o assunto e nem poderia fazê-lo, face à riqueza infinita das graças do Espírito Santo. Diante do exposto sobre os dons e carismas, embora em considerações resumidas, convém refletir sobre o seguinte:

- Dons e ministérios não constituem um apanágio das comunidades primitivas; eles pertencem a toda Igreja cristã, em sua caminhada histórica, pois ela é, e sempre foi, uma comunidade pneumática. Eles também não são privilégios reservados a certas pessoas, pois todos os cristãos são convidados a recebê-los e dinamizá-los, visando a construção do Reino de

Deus. Neste lembrete, deve ficar bem claro também que, na construção do Reino de Deus e edificação da comunidade, através da dinâmica dos dons e ministérios, o sujeito é inseparável da comunidade eclesial. Ainda mais, dons, carismas e ministérios têm um caráter inteiramente altruísta.

- Dons e carismas não têm uma feição extraordinária. Eles se enquadram perfeitamente no regime ordinário e essencial do dom de Deus para a vida e edificação da comunidade eclesial. Classificá-los como formas excepcionais ou brilhantes é torcer a sua realidade, pois eles são essenciais à vida da Igreja, e o que é essencial não é extraordinário.

- Dons, carismas e ministérios são formas de ação dinâmicas e não estáticas, pois desenvolvem-se, ampliam-se e abrem novos espaços em dimensões criadoras, na caminhada da comunidade dos fiéis.

- Todo e qualquer ministério, na vida da comunidade eclesial, supõe um dom ou carisma, pois não há ministério eclesial sem um dom que o fundamente. Porém, será de bom alvitre lembrar aqui que nem todos os dons se tornam um ministério, no seu sentido exato.

No respaldo destas considerações, recorda-se que dons, carismas e ministérios são graças do Espírito Santo, municiando fiéis na comunidade eclesial, a fim de que todos estejam devidamente capacitados para a participação na obra divina. Lembra-se, outrossim, que ter um dom de Deus é um alvo a ser aspirado por todos os membros do povo de Deus. Este expediente implica em que cada um, na igreja local, coloque-se, conscientemente, mais à disposição dele, como instrumento de trabalho; supõe, também, produzir frutos, em forma de testemunho e estilo de vida cristã. Pois, aquele que está em Jesus Cristo e permanece nele produzirá, naturalmente, frutos em abundância. Dons, ministérios e fruto do Espírito são irmãos gêmeos e não devem ser separados na dinâmica da comunidade eclesial.

FRUTO DO ESPÍRITO SANTO: IMPLICAÇÕES NAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS

Na exposição que se vem fazendo, em linhas anteriores, objetivou-se relacionar o serviço no Antigo Testamento, em termos de dotações, com os dons, carismas e ministérios do Novo Testamento. Esta relação é de uma clareza diamantina, pois, tanto lá, nas dotações especiais, como cá, nos carismas, dons e ministérios, todos são graças do Espírito Santo buscando o mesmo fim: *A MISSÃO DIVINA*. É ponto pacífico que todos os dons e carismas convergem para a vivência do que é específico, na comunidade eclesial, e os seus resultados deverão beneficiá-la de um modo total, levando-a a ser mais plenamente Igreja povo de Deus, integrada nos propósitos salvíficos do Reino.

Dons e ministérios visam ao fruto do Espírito

Qualquer reflexão sobre os dons e ministérios, por mais completa que seja, será de pouca monta, se não fizer menção ao FRUTO DO ESPÍRITO SANTO, relacionando-o à dinâmica da comunidade eclesial. Esta afirmação é bem clara, pois os DONS E MINISTÉRIOS e o FRUTO DO ESPÍRITO SANTO têm a mesma origem (1Co 12.5-11; Gl 5.19-22). Esta relação torna-se ainda mais evidente, quando se verifica que o FRUTO DO ESPÍRITO funciona como um critério de referência, identificando se cada dom ou carisma, em evidência prática ou manifestação dinâmica, origina-se ou não do Espírito Santo. Jesus Cristo faz uma referência especial sobre este acerto, instruindo seus discípulos da seguinte forma: “Acautelai-vos dos falsos profetas que se apresentam disfarçados em ovelhas, mas por dentro são lobos roubadores. Pelos seus frutos os conhecereis (...)” (Mt 7.15-20). Este texto reflete o juízo da

comunidade primitiva sobre aqueles que faziam sua profissão de fé, mas viviam de um modo oposto aos votos assumidos. *“POR SEUS FRUTOS OS CONHECEREIS”*.

Sem dúvida, nossas ações e nosso modo de vida põem em evidência nossas condições interiores. É inegável que o exercício prático dos dons e ministérios, na dinâmica da comunidade eclesial e secular, deságua em um clima de frutos, de testemunhos e qualidade de vida. Viu-se anteriormente que, no Antigo Testamento, o serviço prestado a Deus não constituía um fim em si mesmo, pois o estilo de vida, fruto da vocação para o serviço divino exarado da Lei, visava testemunhar a todas as nações a presença e o poder de Deus, em termos de amor e justiça (retidão) (Dt 4.6-8ss). O serviço divino tomava, outrossim, feições morais, em dimensões de amor e fidelidade a Deus e ao próximo.

O FRUTO DO ESPÍRITO acompanha os dons e ministérios. Ambos vivem juntos. Um agindo e o outro abrindo espaços e criando condições de amor. Não há meios de separá-los, na mesma medida em que não se poderá separar os atos de piedade dos gestos de misericórdia. Pretender o exercício dos dons e ministérios, ignorando o FRUTO DO ESPÍRITO, é o mesmo que desejar fazer uma boa colheita sem fazer um bom preparo do solo.

Pensar em frutos, de um modo geral, faz lembrar que eles simbolizam a fertilidade. Em sua natureza, os frutos são o produto natural da árvore, das folhas, da flor, da seiva e das raízes que, arraigados ao solo, dele extraem o alimento necessário para a vida da árvore. Na parábola da figueira estéril, Jesus Cristo deixa bem claro que todos nós temos a obrigação de frutificar valores para o Reino de Deus. Se assim não acontece, prejudica-se, pelo fato da recusa em abrir mão de si mesmo, em favor da edificação, a comunidade eclesial.

Porém, o produzir frutos, na vida cristã, promovendo o dinamismo permanente do Reino de Deus, depende de algumas coisas muito importantes, sem as quais será redondamente impossível fazê-lo:

- Despojar-nos de nós mesmos, abrir mão de nós mesmos, a fim de que Jesus Cristo ocupe o lugar competente em nossa experiência interior. E, neste sentido, o próprio Jesus ensina: “Se alguém quiser vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me (Mc 8.34). O apóstolo Paulo, comunicando sua própria existência, acrescenta o seguinte: “não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim” (Gl 2.20).

- De outro lado, será necessário estar em Jesus Cristo. “Estar em Jesus Cristo” é uma frase em realce que governa o primeiro capítulo

da carta aos Efésios. “Em Cristo” é uma expressão cunhada pelo apóstolo Paulo, sobre o modelo comum da expressão “no Espírito”. Ela representa a idéia de que os cristãos estão em relações espirituais tão íntimas com o seu Senhor que Ele pode ser considerado como uma personalidade inclusiva, abraçando toda vida afetiva da comunidade eclesial e de cada membro em particular. Isto deverá ser uma realidade tal que cada um possa dizer ou empregar, de um modo cōnscio, as palavras paulinas: “nã sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim” (1Co 6.17). Jesus Cristo instruiu seus discipulos, acrescentando, ainda nesta linha de pensamento: “Todo ramo que em mim nã produz frutos Ele (o Pai) o corta e todo ramo que produz fruto Ele o limpa, para que dê mais fruto ainda (...) Assim como o ramo, por si mesmo, nã pode produzir fruto, se nã permanecer unido à vida, assim, também, vós, se nã permanecerdes em mim. Eu sou a vide, vós os sarmentos. Aquele que permanece em mim e eu nele produz muito fruto, por que sem mim nada podeis fazer” (Jo 15.2, 4,5).

O fruto fundamental

Sem desejat colocar limites na profusão de FRUTOS DO ESPÍRITO SANTO, Paulo fornece uma lista deles nos seguintes termos: “MAS O FRUTO DO ESPÍRITO É: amor, alegria e paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidã, domínio próprio. Contra estas coisas nã há lei” (Gl 5.22,23). Existem, na verdade, diversos estudos sobre o FRUTO DO ESPÍRITO e alguns elaboram um raciocínio, tentando dividi-lo em porções, tais como:

- amor e fidelidade, que dizem respeito ao nosso relacionamento com Deus;
- paz, alegria, autodomínio e mansidã, que se referem ao nosso relacionamento interior;
- bondade, longanimidade, benignidade, que implicam em nossas relações com o outro.

Parece bem interessante a divisã, pois enquadra-se perfeitamente na lógica do mandamento divino: “amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo”. Contudo, e apesar deste enquadramento, aquela divisã apresenta-se muito artificial. Sem qualquer sombra de dúvida, o FRUTO DO ESPÍRITO, em sua totalidade, refere-se, tanto ao nosso relacionamento com Deus, como também conosco e com o nosso próximo. É impossível ser fiel a Deus, sem sê-lo

conosco e com o outro. O que devotamos a Deus deságua nas demais formas de nosso relacionamento. O apóstolo Paulo abre a lista dos FRUTOS DO ESPÍRITO, destacando o amor como núcleo principal de frutificação, de onde procedem os demais níveis do FRUTO DO ESPÍRITO.

O amor deverá permear todos os níveis de nosso relacionamento, pois, onde estiver presente a alegria, paz, longanimidade, bondade, benignidade, fidelidade, mansidão e domínio próprio, aí também estará presente o amor. Ele é o fruto fundamental. Na enumeração dos dons, feita na igreja corintiana, Paulo não argumenta e nem destaca qualquer nível de superioridade ou inferioridade entre eles, na dinâmica do corpo. Mas destaca a procedência de todos eles, revelando também que, se desejamos medir a verdadeira espiritualidade do fiel, devemos buscar a evidência desta espiritualidade no amor que ele manifestar em sua vida pessoal (1Co 12.1-11; 12.31 - 13.13; Gl 5.25). Ainda mais, o amor é a medida e o recurso por meio do qual o Espírito Santo opera tudo em todos.

No hino do amor, é bem verdade que o apóstolo sugere: “Entretanto, procurai, com zelo, os melhores dons” (1Co 12.31), mas, aqui, merece uma explicação: “melhores”, em 1Co 12.31, não implica em superioridade ou inferioridade, mas sim em utilidade (procurai os dons mais úteis). De outro lado, ele adiciona à oração, iniciada com “entretanto”, o seguinte desafio: “e eu passo a mostrar-vos um caminho mais excelente: ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o bronze (...), ainda que eu tenha o dom de profetizar (...), se não tiver amor, nada serei (...) e ainda que eu distribua todos os meus bens (...), se não tiver amor, nada disso me aproveitará” (1Co 13.1-13).

Entende-se por isso mesmo que não adianta esposar qualquer forma de dom, carisma ou ministério, sem o devido respaldo do amor. Este amor é ativo e dinâmico e sua ação é, também, a medida de nossa santidade, pois a realidade do amor prende-se à eterna beatitude do trino Deus. O serviço prestado ao Reino de Deus é um serviço de amor; o que, sem dúvida, implica em uma autêntica e ampla abertura individual ao Espírito Santo, pois Ele é o dom gratuito por excelência, que se deve aspirar. Ele é muito mais que a totalidade dos dons, pois é o DOADOR de todos eles. Com esta concreta decisão de acolhimento do Espírito divino, brotarão, na vida de cada fiel, os dons, os frutos necessários para a militância na construção do Reino de Deus.

Os dons transparecem de nosso relacionamento com as pessoas

Seria uma omissão irreparável considerar dons, ministérios e fruto do Espírito Santo, ignorando sua influência nos diversos níveis de nossos relacionamentos interpessoais, na dinâmica da comunidade eclesial e secular. O fruto do Espírito Santo, especialmente, deverá estar burilando o modo como o fiel relaciona-se com os demais. Se assim não acontece, isto é, se nossa vida cristã é infrutífera, então nossos relacionamentos são precários, indesejáveis e negativos. Corre entre nós uma frase muito sugestiva, que nos ensina o seguinte: **QUEM ESTÁ BEM CONSIGO MESMO NÃO INCOMODA O OUTRO**. Para estar bem consigo mesmo será necessário estar repleto do trino Deus.

Lembrar-se do fruto do Espírito Santo, em todos os níveis de nossos relacionamentos pessoais, recorda que a ênfase do Evangelho, no que tange às relações humanas, esteve sempre presente no trato de Deus com a pessoa humana. Deus criou a “pessoa”, isto é, seres humanos capazes de relacionamentos. O amor de Deus, em cada um de nós, é dinâmico e, por isso mesmo, deverá fluir em direção do outro, especialmente através daqueles que vivem em comunhão com Ele. O texto bíblico de Deuteronomio lembra-nos esta dimensão, em 10.12-22. O fiel aperfeiçoa o seu amor, no amor de Deus, a fim de amar ao outro, em níveis de relacionamento transformados pela excelência do amor divino. O apóstolo João faz, magistralmente, uma descrição deste amor, em sua primeira carta, 4.7-21. Em novas dimensões Jesus Cristo focaliza o tema do amor da seguinte maneira: “que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vós ameis uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns aos outros” (Jo 13.34,35).

Não se pode imaginar uma comunidade cristã vital em sua dinâmica, sem pensar em um povo que ama, compreende, aceita, perdoa, e vive em níveis de humildade, bondade, relacionando-se mutuamente de forma significativa. Não se quer dizer com isto que a comunidade seja perfeita. O nível de perfeição é uma utopia, pois o perfeito humano é sempre um processo em permanente desenvolvimento. Entretanto, pretende-se que seus problemas de relacionamento sejam resolvidos em caminhos saudáveis e criadores, resultando em níveis de relações humanas mais elevados. Diz-se que relacionamento saudável é próprio de personalidades maduras. Sem dúvida, o fiel que se abre ao sopro do

Espírito Santo e aos seus dons e frutos está, inquestionavelmente, a caminho da maturidade cristã. Portanto, seu crescimento maduro ilumina suas formas de relações humanas.

As cartas paulinas e petrinas são muito ricas em exortações, desafios e sugestões para o alcance de relacionamentos interpessoais saudáveis: 1Co 4.14-21; 2Co 2.5-11; Ef 4.25-32; Fp 1.27-30; 2.1-4; 5; 1Pd 4.3-10). Realmente, a tarefa missionária, quer interna ou externamente, só será uma realidade ostensiva em um clima de relações humanas agradáveis, onde todos, movidos pelas graças do Espírito Santo, busquem conscientemente desenvolver uma convivência à luz do amor, da bondade, da mansidão e domínio próprio. No Novo Testamento, onde os dons e ministérios estão inseridos, há um contexto que enfatiza um relacionamento ameno, agradável e positivo: o FRUTO DO ESPÍRITO na vida dos fiéis é um expediente vital, a fim de poder partilhar Jesus Cristo com o outro e com o mundo.

Partilhar o amor de Deus com o outro é vital, porque aquele amor afirma o valor e a dignidade da pessoa humana, quaisquer que sejam suas condições, isto porque o preço de cada um de nós foi avaliado segundo a sua misericórdia (Tt 3.5). No amor não exigente de Deus tem-se a oportunidade de ser o que se é realmente, sem necessidade de se esconder d'Ele, pois ele nos aceita como somos, a fim de nos promover através de sua graça.

À luz desta abordagem, embora resumida, destacando-se o FRUTO DO ESPÍRITO e os relacionamentos interpessoais, deve-se compreender que esta ênfase decorre do fato de que a Palavra de Deus não concebe a dinâmica dos dons e ministérios e as dotações especiais, em um ambiente impessoal. Não há missão, propriamente dita, em dimensões impessoais. Evangelizar é relacionar-se com o outro. O ministério, através do serviço, dons e carismas, é uma transação interpessoal. Na verdade, o ministério realiza-se envolvendo o outro, em Jesus Cristo, à medida em que cresce entre ambos uma relação de amor. Evangelizar é também, ao lado de outros conceitos, entrar em relações amistosas com o outro, a fim de conduzi-lo a Jesus Cristo.

Dons, carismas, ministérios e fruto do Espírito andam juntos, na missão do Reino, aqueles agindo e este estreitando os níveis de relacionamento interpessoal. Dons e ministérios, como graças do Espírito Santo que cimentam boas relações interpessoais, não cabem dentro de bitolas, mas pressupõem princípios norteadores que orientem sua dinâmica, na caminhada missionária e profética da comunidade ministerial.

SERVIÇO, DONS, CARISMAS E MINISTÉRIOS: PRINCÍPIOS ORIENTADORES

À luz destas considerações sobre dons, ministérios, fruto do Espírito e relacionamentos interpessoais, convém, outrossim, deixar bem claro que a dinâmica dos dons e ministérios não se comporta bem dentro da pauta de uma programação certinha. É concebível, até certo ponto, verificar que, como graças do Espírito Santo, eles são imprevisíveis, já que não dependem do humano. Não há como esgotar os dons e carismas, à mercê de planificação pastoral ou qualquer outra forma de esquema histórico-cultural. As manifestações dos dons e ministérios fazem-se, por vezes, fora dos esboços comuns. Outras vezes, eles manifestam-se em franca oposição ao que é comum e que está se tornando medíocre. Percebe-se, pela prática, que a dinâmica dos dons, carismas e ministérios envolve os mais variados modelos possíveis e assim acontece porque nenhum deles poderá exauri-lo.

Outrossim, o Espírito Santo, através dos dons e ministérios, estabelece uma oposição cerrada aos ídolos e às idolatrias que surgem, batalhando contrariamente à instalação de adoração de modelos estereotipados. Além do mais, através da ação dos dons e ministérios, amplia o raio, as dimensões da dinâmica cristã. Mas, de outro lado, questiona também o momento histórico tendencioso a tornar-se um centro em si mesmo, endeusando-se como um ídolo, perdendo, por isto mesmo, seu caráter histórico e ganhando dimensões de eterno.

Não é assim que tem acontecido em nosso meio? Endeusamos diversas formas e modelos, idolatramos formas doutrinárias e estereotipamos estilos que devem ser mutáveis. Ser fiel a uma tradição não quer dizer que se deve fazer as coisas tal como as fizeram nossos avoengos. Significa, sim, que devemos melhorar e atualizar as heranças recebidas de nossos ancestrais, dinamizando-as dentro das realidades atuais.

Contudo, e mesmo levando em conta as considerações acima, supõe-se que a dinâmica dos dons e ministérios deve comportar alguns critérios que facilitem seu funcionamento pleno, coeso e objetivo dentro da ação da comunidade eclesial. Sem dúvida, há uma coordenação que orienta a dinâmica dos dons e ministérios, na comunidade dos fiéis, sem, entretanto, embotar capacidades e dotações e frustrar as pessoas. O apóstolo Paulo adverte seus leitores de Corinto e a nós outros, hoje, também, no que se refere a algumas normas práticas, e desenvolvimento dos dons e carismas (1Co 14.6-19; 12.1-11; 14.26-33). Sobretudo, ele sugere um caminho mais excelente que deverá reger a dinâmica dos dons e ministérios.

Ainda mais, um exame dos textos paulinos, onde ele passa em revista dons e ministérios, mostra que estes desenvolveram-se em um ambiente impregnado pelo amor, oração e unidade (1Co 13.1-13, o contexto do amor; 1Co 12.1-31; Rm 12.6-8 referem-se aos dons; Rm 12.3-5; 12.9-21 destacam o amor; Ef 4.7-12 destaca os dons; Ef 4.2-6; 3.14-21; 4.17-32 tratam do ambiente de unidade, oração e santidade). Sem descer a detalhes outros, verifica-se que o apóstolo frisa bem o contexto em que os dons e ministérios são exercidos.

A título de informação, vejamos apenas um exemplo, em Efésios 4.17-5.2, o apóstolo destaca que depois do conhecimento de Jesus Cristo, o fiel, em face de sua experiência nEle, deverá abandonar o velho “eu” com todas as suas distorções relacionais, sepultando, simultaneamente, os antigos estilos de vida: “no sentido de que, quanto ao trato passado, vos despojeis do velho homem, que se corrompe segundo as concupiscências do engano” (4.22); devem, por isso mesmo, “revestir-se do novo homem”: “e vos vistais do novo homem, criado segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade” (4.24); as emoções negativas deverão ser substituídas por emoções positivas: “longe de vós toda amargura, cólera, ira, gritaria, blasfêmia e bem assim toda malícia. Antes sede uns para com os outros benignos, compassivos, perdoando-vos uns aos outros, como também Deus, em Cristo, vos perdoou” (4.31,32); e finalmente, deverá ser imitador de Deus: “sede, pois, imitadores de Deus como filhos amados e andai em amor, como também Cristo vos amou, e a si mesmo entregou-se por nós, como oferta de sacrifício a Deus em aroma suave” (5.1, 2).

À vista do exposto, examinam-se alguns princípios que deverão orientar a dinâmica dos dons, carismas, capacidades e ministérios, sem qualquer idéia de esgotar o assunto neste sentido, na dinâmica da comunidade ministerial.

a) *Eles devem ter uma característica inteiramente autóctone*, isto é, deverão brotar do próprio solo da comunidade eclesial, correspondendo assim às carências e necessidades locais. Portanto, eles deverão ter reflexos do estilo de vida cultural da própria congregação, em suas várias expressões. Não há espaços para dons e ministérios transportados de outras comunidades eclesiais, por exemplo, de Antioquia para Jerusalém ou de Corinto para nossas congregações.

Cada comunidade tem suas feições próprias e é dentro delas que o Espírito Santo trabalha para a edificação de todo o corpo. O muito que se pode aceitar, neste sentido, é a ocorrência de coincidências, mas mesmo assim, os agentes de trabalho diferem de local para local. Diante desta colocação, não há condições para uma congregação imitar a outra, pois qualquer imitação é uma espécie de suicídio. Dons e carismas do Espírito Santo medram dentro das condições locais, desenvolvendo-se em ministérios, testemunhos e serviço pastoral.

Dizer que os dons e ministérios devem ser autóctones, isto é, deverão brotar do próprio solo da comunidade eclesial, não significa limitá-los ou estatizá-los, ou ainda, condicionar a ação da congregação. Porém, quer-se dizer com isto que germinando no ambiente comunitário, como graças do Espírito Santo, eles crescem e se desenvolvem, buscando outras variantes de ação. O Espírito Santo está, sempre, municiando a comunidade e atualizando sua forma de ação.

b) *Eles devem ser, naturalmente, missionários*. Este é um princípio por demais importante. Qualquer que seja sua área de atividade, eles deverão objetivar a missão, pois, na comunidade eclesial cristã, tudo destina-se à missão do Reino de Deus. O dom, autêntica graça do Espírito Santo, soma-se aos demais dons em exercício, engrossando as fileiras do serviço missionário local. Não há dom do Espírito que seja auto-suficiente, isolando-se dos demais como um serviço próprio. Na dinâmica eclesial, todos os dons e ministérios precisam e carecem de todos os outros dons e carismas já existentes, a fim de tornar a missão em dimensões ostensivas. Qualquer dom ou ministério que seja mesmo do Espírito não dará espaço ao individualismo.

O individualismo cheira a emoções negativas, tais como: orgulho, vaidade, mania de grandeza, auto-suficiência e outras mais. Estas são emoções negativas que entravam a plena caminhada do serviço eclesial. Qualquer dom, pois, deverá apoiar-se no outro, visando à missão. O dom da música desenvolver-se-á em perfeita harmonia com os demais, voltado

para a missão. Cantar em conjuntos, corais, duetos ou ainda tocar qualquer instrumento, tudo estará em função da missão e não girará em torno do gáudio pessoal. O serviço de qualquer dom, por mais simples que seja, deságua em ministérios em exercício na congregação local, em seu avanço missionário.

c) *Eles devem ser catalisadores e multiplicadores da ação missionária da comunidade eclesial.* Carismas e ministérios deverão incrementar o dinamismo comunitário. O serviço prestado ao Reino de Deus não pode sofrer descontinuidade. Sem dar espaços ao ativismo vazio e oco, a ação da comunidade de fé implica em movimento multiplicador, ocupando novos espaços que se vão abrindo, buscando novos caminhos e novas formas de anúncio, de testemunho e de vivência e convivência ministerial. Em sua caminhada histórico-missionária, a Igreja nunca é uma questão acabada e pronta, pois ela deverá estar sempre em processo de mudanças em termos de flexibilidade e criatividade.

Em outras palavras, quer-se dizer que ela deverá desenvolver-se em estilo de flexibilidade, criatividade. Na comunidade secular de uma congregação cristã, por exemplo, há uma penitenciária. Desta forma há uma porta aberta para sua ação pastoral. Os detentos são o seu alvo, porém o trabalho com eles não esgota a tarefa e não se refere apenas à distribuição de folhetos, porções bíblicas, Novos Testamentos ou, ainda, algum tipo de alimentação. Isto poderá ser feito, contudo constitui apenas uma gota do que deverá ser executado. Será necessário ir mais longe, procurando, de uma forma concreta, conduzir o detento a Jesus Cristo, e este expediente requer muita habilidade e talento.

Mas a ação pastoral de toda comunidade cristã não cessa no presidiário. Ela precisa ser multiplicada. Desta forma poderá ser estendida a seus familiares que residem nas proximidades da penitenciária, aos diversos funcionários que vivem e convivem com os presos e com as autoridades ligadas direta ou indiretamente ao detento. As igrejas locais poderão fazer denúncias concretas, a quem de direito, sobre as péssimas condições em que vivem os detentos. Outrossim, poderão refletir sobre a possibilidade de criar uma forma de ajuda e de assistência aos detentos que conseguem cumprir sua pena e saem para a liberdade, no sentido de engajá-los na sociedade.

No desenvolvimento destas formas de ação, outras, por certo, surgirão diante da caminhada missionária da comunidade cristã. Esta ação catalizadora e multiplicadora da ação missionária é uma tarefa para toda

a congregação. A soma dos dons e ministérios agrupam-se em torno dela e seus frutos só surgirão a longo prazo.

Nesta mesma linha, lembra-se da pastoral escolar e o seu espaço para uma ação catalisadora e multiplicadora da missão. A pastoral escolar não se prende apenas ao fato de ministrar aulas de Educação Cristã. Ela significa a presença da missão em todo o sistema escolar e, neste sentido, é uma ferramenta da Igreja. A pastoral escolar deverá buscar, como é do gênio da pastoral em si mesma, relacionar o Evangelho ou a fé cristã com todo o sistema escolar onde ela se encontra. O sistema escolar abre um espaço muito abrangente para a ação da missão divina, através dos dons e ministérios. Movimento, criatividade, flexibilidade, multiplicação e catalisação deverão estar presentes, na dinâmica dos dons e ministérios, onde quer que eles estejam em exercício. A missão do Reino de Deus não pode parar, pois ela é dinâmica em sua realização.

d) *Eles devem ser exercidos em dimensões globalizantes.* Na ação missionária da comunidade de fé não há lugar para o isolacionismo ou individualismo. Nela, nenhuma ação pode ser exercida sem a ajuda dos demais militantes. Esta afirmação decorre do fato de que o corpo ministerial da comunidade cristã centraliza-se na pessoa de Jesus Cristo, que é o cabeça de todo corpo e presidente permanente da congregação. Não há condições de qualquer forma de autonomia para os ministérios militantes, pois será impossível que qualquer deles alcance uma expressão autêntica e plena fora do corpo ministerial.

Face à atuação globalizante dos ministérios, na comunidade, conclui-se o seguinte: cada tarefa deverá ser exercida em consciência de parte, buscando uma autêntica integração orgânica com todos os demais que deverão ser exercidos dentro da idéia de corresponsabilidade de todos.

e) *Eles devem ser desenvolvidos em um ambiente de devido respeito ao outro, na liberdade dos dons do Espírito Santo.* Não deve haver lugar para crítica azeda ou menosprezo do dom do outro, por mais simples que ele seja. Não há como conceber qualquer idéia de hierarquia entre dons e ministérios, pois, na dinâmica do corpo de Cristo, todos precisam de todos, numa interdependência sem fim (1Co 14.26-40).

O trino Deus é quem santifica a vida do seu povo, capacitando-o, outrossim, com sua graça, dons e ministérios (1Co 12.7), distribuindo-os a todos, segundo o dom de Cristo (1Co 12.11; Ef 4.7), procedendo de tal modo que cada um, conforme a graça que recebeu, coloque-a a

serviço do outro, tornando-se, assim, fiel dispenseiro da multiforme graça de Deus (1Pe 4.10).

O respeito e a tolerância devem estar presentes, pois o Espírito Santo preside o dinamismo da comunidade cristã, direcionando-a para a missão divina.

f) *Eles devem ser desenvolvidos em um clima de oração efetiva.* Finalmente, para cimentar a dinâmica dos dons e ministérios, na congregação local, é mister criar e desenvolver um clima de oração efetiva, de comunhão e de unidade. A oração é um elemento fundamental da vida da Igreja, especialmente em dimensões ministeriais.

Há riscos e conflitos possíveis que rondam a dinâmica dos dons e ministérios. Riscos e conflitos deverão ser resolvidos à luz de um ambiente impregnado de oração, onde a graça do Espírito Santo encontre espaço para sua ação.

Oração autêntica não é reza e nem tampouco simples ladainha, como só agradecer em nossas reuniões de oração, onde se ouvem orações quilométricas sem objetivos e sem sentido prático. Orar, verdadeiramente, é abrir-se ao poder e graça do Deus trino. A oração é uma oportunidade que damos ao Espírito Santo de trabalhar conosco, através de sua graça que transforma e purifica. Em sua exata noção de Igreja, como corpo de Jesus Cristo, o apóstolo Paulo abre a discussão sobre os dons e ministérios com uma oração, colocando-a como contexto do que ele vai expor adiante (Ef 3.14-20). Esta ilação decorre da frase que ele usa no início do capítulo 4: “rogo-vos, pois, eu, o prisioneiro no Senhor (...)” (3.1-4.1).

Esta abertura, em oração, ao poder e graça do trino Deus, é um expediente por demais salutar. Pois só aquelas manifestações são capazes de transformar o nosso eu, ordenar o desalinho e a desordem que está lá no fundo de cada um de nós; dar a unidade íntima que tanto se necessita e curar nossa vida interior das mazelas que motivam reações e relações incorretas com o outro. Só a terapia do Espírito Santo poderá levar a bom termo tal procedimento. A cura interior é a cura do homem interior. É, por assim dizer, a renovação do velho homem que está lá dentro à mercê da graça do Espírito. O caminho da cura interior é um verdadeiro campo de batalha, e foi magistralmente descrito pelo apóstolo Paulo, onde ele resume sua própria experiência (Rm 7.18-25; 8.9-11).

A cura interior é por demais importante, porque dá novo sentido às nossas atitudes, modo de agir, de viver e conviver, nos diversos níveis de contatos que desenvolvemos. Na cura interior, fazemos as pazes

conosco mesmo, alicerçando, por isso mesmo, nossa paz e harmonia com o outro e o ambiente comunitário. A cura interior é de suprema importância para nossa autêntica integração na comunidade, pois esta é o corpo de Jesus Cristo, onde cada um tem o seu lugar e seu exercício, devendo, deste modo, sintonizar-se com os demais, a fim de cumprir melhor as exigências dinâmicas do corpo eclesial.

CONCLUSÃO

Esta reflexão, que aqui se conclui, não pretende esgotar o assunto e os temas internos abordados, pois, por sua própria natureza, abre largos espaços para outras considerações. Em todos os temas, há sempre novos horizontes a serem descortinados. As considerações tecidas nas linhas anteriores reforçam outras que já foram feitas na mesma linha, tentando abrir espaços para a implantação da Igreja ministerial. Esta encontra barreiras em sua caminhada, porque revoluciona, deixando de ser mais instituição para ser mais comunidade e continuando a ser assembleia, tornando-se, também, dispersão, onde o leigo encontra seu verdadeiro papel na missão do Reino de Deus.

Esta insistência na implantação da Igreja ministerial decorre do fato de que ela é a forma mais plena de comunidade do Reino de Deus, comunidade de testemunho e de serviço no mundo e para o mundo.

A Igreja ministerial, como comunidade dos dons e ministérios, põe um ponto final no estatismo, no comodismo e na indiferença, manifestando que a Igreja ou é profética, missionária e ativa, marcando sua presença ostensiva na comunidade e no mundo, ou então deixa de ser a Igreja de Jesus Cristo.

Apraza ao Espírito Santo continuar soprando sobre a Igreja Metodista, a fim de que possa prosseguir em sua caminhada para honra e louvor do Deus trino. Amém.

BIBLIOGRAFIA

- ALLMEN, J. J. Von. *Vocabulário Bíblico*. São Paulo, ASTE, 1972.
- A *BÍBLIA SAGRADA*; contendo o Velho e o Novo Testamentos. Rio de Janeiro, Sociedade Bíblica do Brasil, 1970.
- ANTONIAZZI, A. *Os ministérios da igreja, hoje*.
- BOFF, Leonardo. *E a Igreja se fez povo. Eclesiogênese: a Igreja que nasce da fé do povo*. Petrópolis, Vozes, 1986.
- CULLMANN, Oscar. *Cristologia del Nuevo Testamento*. Buenos Aires, Methopress, 1965.
- DICIONÁRIO INTERNACIONAL DE TEOLOGIA DO NOVO TESTAMENTO*. São Paulo, Vida Nova.
- EISELEN, Frederico Carlos (Ed.) *Comentário Bíblico de Abingdon*. Buenos Aires, La Aurora, 1937.
- FOULKES, Francis. *Eféios. Introdução e comentário*. São Paulo, Vida Nova Mundo Cristão, s.d.p. (Série Cultura Bíblica; 10).
- GAZELLES, Henri. *História política de Israel. Desde as origens até Alexandre Magno*. São Paulo, Paulinas, 1986. (Biblioteca de Ciências Bíblicas).
- KIPPENBERG, Hans G. *Religião e formação de classes na Antiga Judéia. Estudo socio-religioso sobre a relação entre tradição e evolução social*. São Paulo, Paulinas, 1988. (Bíblia e Sociologia; 4).
- LEMAIRE, André. *Os ministérios da Igreja*. São Paulo, Paulinas, 1977. (Crer e Compreender).
- LÉON, Jorge A. *Psicologia Pastoral de la Iglesia*. Costa Rica, Caribe, 1980.
- RAHM, J. Harold & Lamego, J. R. Maria. *Sereis batizados no Espírito Santo*. São Paulo, Loyola.
- SHAULL, Richard. *De dentro do furacão: Richard Shaull e os primórdios da teologia da libertação*. Rio de Janeiro, CEDI, São Paulo, Sagarana, 1985. (Coleção Protestantismo e libertação; 1).